

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PRÁTICA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Maria Luiza Amorim Borges

**Mapeamento de trabalhos publicados nos Anais do ENPEC: a diversidade
da temática de Gênero e Sexualidade e seu amplo potencial de
transformação**

Porto Alegre

2018

MARIA LUIZA AMORIM BORGES

Mapeamento de trabalhos publicados nos Anais do ENPEC: a diversidade da temática de Gênero e Sexualidade e seu amplo potencial de transformação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tatiana de Souza
Camargo

Porto Alegre

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CIP - Catalogação na Publicação

Amorim Borges, Maria Luiza
Mapeamento de trabalhos publicados nos Anais do
ENPEC: a diversidade da temática de Gênero e
Sexualidade e seu amplo potencial de transformação /
Maria Luiza Amorim Borges. -- 2018.
68 f.
Orientador: Tatiana de Souza Camargo.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Biociências, Licenciatura em Ciências Biológicas,
Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Diversidade sexual e de gênero. 2.
Centralidade biológica. 3. Invisibilidade feminina.
4. Formação de professores. 5. Situação escolar. I.
Camargo, Tatiana de Souza, orient. II. Título.

MARIA LUIZA AMORIM BORGES

**MAPEAMENTO DE TRABALHOS PUBLICADOS NOS ANAIS DO ENPEC: A
DIVERSIDADE DA TEMÁTICA DE GÊNERO E SEXUALIDADE E SEU AMPLO
POTENCIAL DE TRANSFORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Tatiana de Souza Camargo

Data de aprovação: Porto Alegre – RS, ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Tatiana de Souza Camargo, Dra.
(Orientadora - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Russel Teresinha Dutra da Rosa, Dra.
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Juliana Lapa Rizza, Dra.
(Universidade Federal do Rio Grande)

AGRADECIMENTOS

A minha trajetória na UFRGS, se for traduzida em algumas palavras, uma delas com certeza é *mudança*. Dentre tantas mudanças que ocorreram, pessoais, familiares, de pontos de vista, de relacionamento, de “visual”, de perspectivas para meu futuro, entre outras, a primeira delas foi mudar de casa, de cidade, de estado. Quando saí do ninho familiar e fui morar em Porto Alegre, muitas pessoas especiais cruzaram meu caminho e com certeza ajudaram-me a vivenciar este período da minha vida com mais amor, compreensão e acolhida.

Quero agradecer primeiramente então, aos meus pais, Maria Aparecida e Jaime que, mesmo à distância, deram o suporte necessário e me apoiaram. Por mais que discordemos quanto algumas escolhas minhas, sinto que posso contar sempre.

A minha vó Benta, que desde pequena me fazia estudar “17 vezes” e foi quem mais me ensinou sobre persistência e generosidade na vida.

Aos meus irmãos Kerly e Marco pela parceria, pelas histórias, e até pelas discussões, as quais me fazem pensar muito nas minhas relações e formas de agir/pensar. A minha irmã Saionara pela aproximação nesses anos. Aos meus sobrinhos Davi, Bernardo e Murillo por todo amor!

As minhas amigas Maisa e Rafaela e a minha prima Sheyla, pela nossa proximidade, conexão e amizade de longa data e por esses anos não terem nos distanciado.

Aos meus familiares de Porto Alegre por, principalmente no início da faculdade, serem meu porto seguro familiar na cidade e eram para quem eu sabia que podia correr.

As minhas colegas de quarto amarelinho Aline de Sena e Layla Mattos pela convivência, companheirismo e aprendizados. Morando longe de casa não eram meus pais que sabiam da minha cólica, da minha dor de cabeça, da preocupação e correria com os doces, que eu fui mal na prova ou que eu estava passando por semestres horríveis lotados de tarefas. Obrigada por toda a escuta, conversas, abraços, choros e sorrisos.

As amigas que vivenciaram a CEU comigo, em especial ao Jeferson Delgado, à Jéssica Rosiak e ao William Boff, que fizeram a casa ser ainda mais querida por mim. Quanta história!

As pessoas que vivenciaram comigo o Projeto Rondon, em especial as amigas Francyne, Vitória, Flavia, Laura, Bruna e Janny, por todos os momentos compartilhados, e pela continuidade e fortalecimento da amizade pós projeto. Não sei nem se sabem tamanha importância que têm na minha vida!

Aos meus colegas de curso da Biologia, em especial as “Biogatas”, grupo que formamos e nos aproximamos logo no primeiro semestre.

Ao recente grupo do PET Biologia da UFRGS, que neste um ano de convivência têm sido muito acolhedores. Agradeço principalmente por serem flexíveis e entenderem minhas ausências neste semestre de TCC, tornando esse processo mais leve e saudável.

A professora Russel Teresinha Dutra da Rosa, pela orientação no Estágio em Biologia e pela construção do Jogo da Sustentabilidade Socioambiental, por todo o conhecimento compartilhado com seus alunos de forma afetuosa e sincera, pelos conselhos e pelas críticas (muito) construtivas. És uma inspiração! Obrigada por me entender em meio aquele semestre tão atribulado e estressante. Obrigada também pelas conversas sobre a vida, e por me fazer brilhar os olhinhos no incentivo a “meter o pé” na estrada.

A professora Heloisa Junqueira por aquele aperto de mão, e por demonstrar que através da atenção e do afeto podemos derrubar barreiras e entender mais o próximo. Obrigada por me entender em meio aquele segundo semestre tão atribulado e estressante.

A professora Maria Cecília, ao professor Sergio Leite e ao professor Luis Almiro por toda a ajuda, pelo incentivo, pelos conselhos e pelos momentos compartilhados durante os três anos de PIBID. E também ao PIBID, por ter proporcionado minhas primeiras experiências com a docência, foram muitos aprendizados!

A professora Eunice Kindel que no primeiro semestre já me fez olhar para a licenciatura com mais amor, e que na disciplina de Introdução aos Estágios mostrou inúmeras formas e possibilidades de planejar aulas mais envolventes e didáticas.

A professora Tânia Fortuna que fez eu me encantar e perceber a ludicidade como caminho para aprendizagem e construção do conhecimento.

A querida Tatiana de Souza Camargo, orientadora deste Trabalho de Conclusão, por todo o auxílio nas ideias, na organização, pela sinceridade na opinião, nas colocações e nas críticas, mas principalmente pela paciência com essa orientada que não para em Porto Alegre e quer fazer mil coisas em um semestre de TCC. Obrigada pela solicitude e por sempre que precisei nunca ter me deixado na mão! Com certeza a boa relação entre orientadora-orientada tornou esse processo construtivo mais prazeroso e leve para mim.

As professoras Russel da Rosa e Juliana Rizza, por aceitarem o convite de fazerem parte da banca do meu TCC.

Agradeço por nossos caminhos terem se cruzado!

*Encheram a terra de fronteiras, carregaram o céu
de bandeiras, mas só há duas nações – a dos vivos
e a dos mortos.*

Mia Couto

RESUMO

Gênero e sexualidade são classificações que implicam em diferenças, e é importante entender as relações de poder que as sustentam e perpetuam. Diversos problemas assolam o sistema escolar atualmente, no entanto, por se tratar de uma instituição que por direito, em teoria, todas passam, torna-se local com grande potencial para visualizar a feição da sociedade atual. É notável que há certa estagnação escolar, no ambiente, no currículo e nas relações ali presentes. Visando buscar possibilidades de mudanças efetivas, de encontro ao respeito mútuo e a dignidade de grupos marginalizados, este trabalho tem como objetivo geral investigar como a temática de gênero e sexualidade têm sido tratada a partir de um mapeamento dos artigos publicados nos Anais das últimas três edições do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC). Para a investigação realizou-se um mapeamento, que consistiu de duas etapas metodologicamente distintas: a primeira etapa teve caráter quantitativo, com finalidade de comparar, do número total de trabalhos publicados nas três edições do evento analisado, com aqueles que tinham enfoque na temática de diversidade de gênero e sexualidade. Já a segunda etapa, de caráter qualitativo, se deu a partir da Análise Textual Discursiva (ATD), analisando, refletindo e relacionando as publicações selecionadas, a partir da leitura completa das mesmas, bem como da sua unitarização e categorização emergentes. As etapas metodológicas foram realizadas e a apresentação discorre pelos seguintes aspectos que mais chamaram atenção: O papel da professora e a omissão da temática de diversidade de gênero e de sexualidade nas diferentes disciplinas curriculares; O “feminino invisível” em destaque com a invisibilidade das mulheres pesquisadoras na Ciência e a negação ao feminino para conseguir sucesso na carreira acadêmico-profissional; A centralidade biológica na realização das publicações e na abordagem da temática pela visão biologicista, descontextualizada das dimensões psicológicas e socioculturais e; A necessidade de formação qualificada de estudantes de graduação, e continuada de professoras, afim de ampliar discussões sobre a temática de maneira multidimensional. Como futura professora de Ciências e Biologia, fazer essa análise foi marcante por enxergar um panorama de como essa temática vem sendo abordada e ter noção de suas limitações e de seus potenciais. Pude observar que mais do que esperava-se têm sido feito, e que com pequenos vetores de mudanças esse cenário pode, aos poucos, ir se modificando.

Palavras-Chave: Diversidade sexual e de gênero; Centralidade biológica; Invisibilidade feminina; Formação de professores; Situação escolar.

ABSTRACT

Gender and sexuality are classifications that imply differences, and it is important to understand the power relations that sustain and perpetuate them. A number of problems have plagued the school system today, however, because it is an institution that by law, in theory, all go through, it becomes a place with great potential to visualize the features of today's society. It is remarkable that there is a certain stagnation in the school, in its environment, in its curriculum and in the relations present there. Aiming to find possibilities for effective changes, looking forward the mutual respect and dignity of marginalized groups, this work has as general objective to investigate how the thematic of gender and sexuality has been treated in the field of Science Education in Brazil, by mapping the articles published in the Annals of the last three editions of the National Meeting of Research in Education in Sciences (ENPEC). For the investigation a mapping was carried out, which consisted of two methodologically distinct stages: the first stage was quantitative, in order to compare, from the total number of papers published in the three editions of the analyzed event, those that had a focus on the theme of diversity gender and sexuality. The second stage, of a qualitative nature, was based on Discursive Textual Analysis (ATD), analyzing, reflecting and relating the selected publications, based on their complete reading, as well as their emerging unitarization and categorization. The methodological steps were performed and the presentation draws attention to the following aspects: The role of the teacher and the omission of the theme of diversity of gender and sexuality in the different curricular subjects; The "invisible feminine" highlighted with the invisibility of women researchers in Science and the denial of the feminine to achieve success in academic-professional career; The biological centrality in the realization of the publications and the approach of the theme by the biologicist vision, decontextualized of the psychological and sociocultural dimensions and; The need for qualified training of undergraduate and continuing teachers, in order to expand discussions on the subject in a multidimensional manner. As a future professor of science and biology, making this analysis was remarkable for seeing a panorama of how this theme is being approached in the country and have a sense of its limitations and potential. I was able to observe that more than was expected to have been done, and with small vectors of changes this scenario can, little by little, be modified.

Keywords: Sexual and gender diversity; Biological centrality; Female invisibility; Teacher training; School situation

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Gráfico 1: Total de publicações nos três eventos = 3239 trabalhos; total de publicações selecionadas para a Fase 1 = 91 trabalhos.....	21
Figura 2 – Gráfico 2: Selecionados para a Fase 2 = 67 trabalhos; eliminados na Fase 1 = 24 trabalhos.....	22
Figura 3 – Gráfico 3: Selecionados para a Fase 3 = 39 trabalhos; eliminados na Fase 2 = 28 trabalhos.....	23
Figura 4 – Gráfico 4: Total de trabalhos selecionados para a leitura integral, análise e reflexão = 39, divididos pelos anos de publicação.....	24

LISTA DE ABREVIATURAS

ABRAPEC	Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
ATD	Análise Textual Discursiva
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNE	Conselho Nacional de Educação
EJA	Educação de Jovens e Adultos
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ENEBIO	Encontro Nacional de Ensino de Biologia
ENPEC	Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBTQ	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Queer
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	16
3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	20
3.1 Tipo de Pesquisa.....	20
3.1.1 <i>Etapa Quantitativa.....</i>	<i>20</i>
3.1.2 <i>Etapa Qualitativa.....</i>	<i>24</i>
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
4.1 Categorias.....	26
4.1.1 <i>Achados Gerais.....</i>	<i>26</i>
4.1.2 <i>O Papel da Professora/do Professor.....</i>	<i>29</i>
4.1.3 <i>O “Feminino Invisível” em Destaque.....</i>	<i>44</i>
4.1.4 <i>A Centralidade Biológica.....</i>	<i>49</i>
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	56
7 ANEXOS.....	63

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da graduação tive algumas experiências em sala de aula: durante três anos através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), e por um ano com os estágios curriculares obrigatórios de Biologia e Ciências. Das várias observações que chamaram-me atenção nas cinco escolas nas quais atuei e dentro das salas de aula, algo que marcou foi perceber como tudo parecia estar igual em relação aos anos em que eu era a aluna do ensino básico e secundário.

O espaço físico escolar pouco difere, desde o espaço aberto, os diminutos ambientes verdes, a disposição das carteiras em sala, a posição da mesa da professora*, a relação professora-aluna, etc. Algo ainda mais forte do que isso foram as observações nas relações da turma: a disposição de alunas em classe muitas vezes separada por gênero quando livres, ou no caso de haver espelho de classe, os mesmos grupinhos formados, os preconceitos, os xingamentos e ofensas, a maneira como se portavam as alunas em situações pontuais, tudo se repetia. Na verdade, o que senti é que, num certo sentido, pareceram mudar apenas os rostos e, que tais padrões estagnados são frequentemente (re)produzidos nas escolas como um reflexo da sociedade, ainda mais sem questionamentos ou discussão crítica. Conversando com minha mãe por exemplo, com seus 55 anos, quando a mesma relata seus tempos de escola, tudo se encaixa perfeitamente para um relato de um caso em turmas de hoje em dia.

Essa estagnação me fez refletir sobre o que aprendia durante a graduação. A impressão que eu tive é que o estímulo que nós graduandas temos durante as cadeiras da faculdade, para atuar dentro e fora de sala de aula desconstruindo paradigmas sociais, tabus, preconceitos, diminui quando é para colocarmos em prática no ambiente escolar.

Se partirmos do pressuposto de que as universidades, principalmente as públicas, se constituem nos contextos considerados de vanguarda em termos de inovação educacional e de disseminação de políticas governamentais (Gabriela BRABO, 2013)**, em qual período da nossa profissão acabamos perdendo esse anseio por mudanças ou por fazer diferente? A universidade está cumprindo seu papel na formação ampla e de qualidade das suas alunas? Na

*A regra gramatical da língua portuguesa que define o masculino como elemento neutro em substantivos e adjetivos foi deliberadamente invertida para o feminino como referência ao neutro, independentemente do sexo dos sujeitos ao qual o termo se refere. Seguindo esta lógica, os substantivos e adjetivos usados no masculino neste texto ocorrem somente em referência específicas a sujeitos masculinos (Felipe BASTOS; Raquel PINHO, 2017).

**Referenciar autores com nome e sobrenome e não apenas sobrenome como feito usualmente é uma forma de evidenciar os gêneros dos pesquisadores e, por consequência, as mulheres na pesquisa, o que contribui com as lutas de reconhecimento e com valorização da identidade feminina de forma mais ampla (Raquel PINHO; Rachel PULCINO, 2016).

grande maioria das observações que pude fazer, os professores não prezavam pelo pensamento crítico das alunas, nem havia problematização de atitudes ou do próprio ensino e pude observar tanto professoras de escolas públicas com mais de trinta anos de carreira profissional, quanto professoras que têm menos de cinco anos desde sua formação. Entendo que o que vejo em sala de aula não passa de um reflexo da sociedade, no entanto, o que incomoda é ver que, ao longo de décadas, as mudanças, caso se façam presentes, são mínimas.

Tais mudanças não vão ocorrer sozinhas, e a escola desponta como um local privilegiado de concretização de políticas públicas (Helena ALTMANN, 2007) com potencial para debater, questionar, refletir e conscientizar. O que se precisa é incluir temas pertinentes, saber relacionar as disciplinas curriculares com temáticas atuais e que vemos cotidianamente acontecendo.

Dentre os diferentes grupos alvo de preconceitos na escola (étnico-raciais, pessoas com sobrepeso, pessoas com deficiência, entre outros), está o grupo de pessoas que desviam do padrão heteronormativo designado pela sociedade, grupo LGBTQ. Muitas das pessoas, as quais ainda estão em formação escolar, talvez não compreendam conceitos de gênero, corpo, sexualidade, e toda a carga cultural, religiosa, social e classista que existe por trás dessas e de outras palavras que permeiam a temática. Pode-se relacionar à fala de Rogério JUNQUEIRA (2009a; 2009b), citado por Neil Franco e Graça Cicillini (2015), que o desconhecimento acaba gerando conflitos internos - pois não se sabe o que está passando - e desconforto por se sentir reprimido. Além disso, acarreta em situações de preconceito e apatia por parte dos grupos hegemônicos que passam a reconhecer como 'diferentes' quem está fora do padrão (Guacira LOURO, 2007).

Segundo Costa et al., (2009), citado por Karoline Lanes et al., (2014, p. 33) “tanto o campo da sexualidade quanto o da educação sexual, com ênfase nas relações de gênero, constitui espaço importante para a efetivação de propostas concretas de ação em que se combata a discriminação, o preconceito e a violência, tanto simbólica como real” e, apesar de me espantar com o atual quadro de estagnação, acredito que, mesmo que pouco, algo já tem sido feito para mudar.

A partir dessa reflexão, busquei bibliografias que apresentem experiências que enfrentam essa problemática de diversas maneiras, tais como formação e capacitação profissional para professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, práticas pedagógicas de respeito à diversidade em relação a temática de gênero e sexualidade nas escolas, análises de situação escolar, projetos de extensão acerca do tema, etc. Essa pesquisa

possibilitou refletir sobre como o tema está sendo trabalhado, a partir da análise de trabalhos apresentados no Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC). Pude assim aprender mais sobre tais ferramentas para conseguir, em minha profissão, persistir na ideia de mudança, e quem sabe também ajudar meus colegas de formação e futura profissão a conhecerem tais medidas e enfrentamentos.

Desta maneira, a problemática presente neste estudo serviu de gatilho para questionar o que tem sido feito para amenizar - e quem sabe futuramente mudar - este quadro de estagnação de paradigmas sociais dentro de sala de aula, com ênfase nas temáticas de gênero e sexualidade na escola. Há algo sendo feito para mudar? Como é feito e por quem? Já estão sendo praticados em âmbito escolar? De que maneira essa vontade de mudar a situação atual é colocada em prática nas aulas e principalmente no ensino de Ciências e Biologia na escola?

A fim de se pensar em algumas possíveis respostas para estas questões, este trabalho tem como objetivo geral **investigar como a temática de gênero e sexualidade têm sido tratada na Pesquisa em Educação em Ciências no Brasil, na atualidade, a partir de um mapeamento dos artigos publicados nos Anais das últimas três edições do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)**, com a intenção de observar mais de perto como estes trabalhos estão sendo realizados, para juntamente com o aporte teórico, relatar e refletir a importância das práticas pedagógicas inclusivas para a formação do cidadão, para uma sociedade mais justa e igualitária.

Pode-se elencar como objetivos específicos deste trabalho:

- Através de palavras-chave, buscar bibliografias sobre as questões de gênero e sexualidade nos Anais do ENPEC dos anos de 2013, 2015 e 2017;
- Analisar os trabalhos, unitarizar e categorizar as diferentes formas de aplicação desta temática;
- Relatar e refletir acerca do que foi pesquisado, lido, observado e analisado;
- Construir, a partir de todos os trabalhos lidos, a relação entre eles e atribuir novos significados.

O objetivo final foi produzir este Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Biológicas - Habilitação em Licenciatura.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Diversos problemas assolam o sistema escolar atualmente e, segundo Neil Franco e Graça Cicillini (2015) a escola é uma das instituições sociais que historicamente sustentou a construção dos seus pilares na ciência objetiva, fundamentada nos princípios do positivismo, fato precursor de diversas crises que desestabilizaram sua estrutura atual. Escolas têm sua base em modelos quadrados, já ultrapassados, que uniformizam e generalizam seus componentes, não enxergando a subjetividade, individualidade e potencialidades de cada um, sem espaços para estímulo e trocas de aprendizagem diversificados. No entanto, por se tratar de uma instituição que, por direito, em teoria, todos passam, torna-se um local com grande potencial para visualizar o perfil da sociedade atual, visto que as alunas são um reflexo do que há do lado de fora dos muros - geralmente bem altos - destes ambientes. Observar as relações dentro do ambiente escolar é, então, uma forma de cotidianamente pensar o que pode ser trabalhado para modular situações nas quais nem todas estejam sentindo-se contempladas, a fim de acolher a todas e ajudar a, desde pequenas, as alunas aprenderem a lidar com as diferenças, sejam elas quais forem.

É impressionante ver que ao longo de anos tão pouco muda na sociedade. Os costumes, crenças, bem como os preconceitos são passados adiante, e desfazer minimamente isso já é tarefa difícil. A realidade da profissão de uma docente de escola pública e sua carga horária, por exemplo, restringe o tempo para assimilação e reflexão, trocas entre professoras, e espaços para se pensar em grupo o que, como, de que forma se pode agir em situações injustas em sala de aula. Além disso, o próprio corpo docente das escolas possui suas diferenças, há grande comodidade em manter as coisas como estão, e o preconceito também se faz presente entre elas. Como agir para mudar algo, se mesmo em nós está entranhado, quietinho, acomodado?

Para além das remediações (agir somente quando acontece uma situação de desrespeito), é importante pensar que temas presentes cotidianamente na vida das alunas e das professoras, as quais carregam consigo opiniões controversas por motivos de crenças, criação, culturas diferentes, devem ser debatidos e incluídos nos currículos escolares a fim de prevenir tais situações desrespeitosas e oportunizar o conhecimento, questionamento, debate e entendimento de cada diferença imposta para enfim haver respeito entre os que transitam pela escola (e também fora dela).

Há forte ligação do tema Orientação Sexual com o ensino de Ciências e Biologia - possibilitando discussões amplas, diversificando os discursos conservadores e restritos a

padrões diminutos dos gêneros e das sexualidades - no entanto, é importante salientar que, por assumir caráter transversal, o tema Orientação Sexual pode, então, ser abordado por todos os professores, dentro de suas especificidades curriculares (Karoline LANES *et al.*, 2014, p. 33). É necessário que haja o estímulo ao senso crítico das alunas, que sejam apresentados conteúdos interligados, para que enxerguem além das disciplinas que aparecem dissociadas no currículo escolar, e vejam as relações entre elas. Trazer o cotidiano para a sala de aula desperta interesse e se torna um aprendizado útil e aplicável à vida e às relações sociais das pessoas inseridas na comunidade escolar e, segundo Pedro Miranda, Francisca Freitas e Caroline Silva (2015),

promover o diálogo com e entre os alunos sobre autoestima, preconceito, homossexualidade, direitos sexuais e reprodutivos, responsabilidade consigo mesmo e responsabilidade com o outro em todas as formas de relacionamentos, entre outras, numa proposta formal ou informal de educação sexual, contribui para ampliar a visão e a compreensão da sexualidade enquanto dimensão humana, ampliando os horizontes para sua vivência plena, consciente, prazerosa, responsável, livre de medos e culpas, durante a adolescência e o resto da vida (Pedro MIRANDA; Francisco FREITAS; Caroline SILVA, 2015, p. 7).

Podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais (Guacira LOURO, 2007), assim como o conceito de corpo, gênero e tudo aquilo que constitui nossa identidade. Como já falado antes, a comunidade escolar reflete a sociedade como um todo, suas relações, seus conflitos, etc. Portanto, o ambiente escolar é plural e possui muitas identidades em uma só instituição.

De acordo com Guacira Louro (2007),

é fácil concluir que nesses processos de reconhecimento de identidades inscreve-se, ao mesmo tempo, a atribuição de diferenças. Tudo isso implica a instituição de desigualdades, de ordenamentos, de hierarquias, e está, sem dúvida, estreitamente imbricado com as redes de poder que circulam numa sociedade. O reconhecimento do "outro", daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos. De modo mais amplo, as sociedades realizam esses processos e, então, constroem os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam a norma (que estão em consonância com seus padrões culturais) e aqueles que ficam fora dela, às suas margens. Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como "o segundo sexo" e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual (Guacira LOURO, 2007, p. 15-16).

Dagmar Meyer (1998) traz em seu discurso uma visão parecida quando diz que a escola ensina que apenas uma forma de sexualidade é “normal”, pois quando se permite falar em vida sexual nas escolas, usualmente o faz dentro do quadro do casamento e entende-a como restrita a um homem e a uma mulher. Essas falas vêm de acordo ao que diz Neil Franco e Graça Cicillini (2015) quando relatam que sobressaem a dificuldade e a resistência de docentes em compreenderem e atuarem em situações que fogem do padrão heteronormativo. Ao observar estas três visões complementares, se faz necessário reforçar a ideia de que cada vez mais a temática tem de ser trazida para o meio escolar, pois só com o hábito de debater, problematizar e ter liberdade de discutir estes temas é que os padrões passam a ser questionados e modificados.

A forte seleção do que é permitido ser discutido nas escolas mostra o que afirma Guacira Louro (2007):

As sociedades urbanas ainda apostam muito na escola, criando mecanismos legais e morais para obrigar que todos enviem seus filhos e filhas à instituição e que esses ali permaneçam alguns anos. Essas imposições, mesmo quando irrealizadas, têm consequências. Afinal, passar ou não pela escola, muito ou pouco tempo, é uma das distinções sociais. Os corpos dos indivíduos devem, pois, apresentar marcas visíveis desse processo; marcas que, ao serem valorizadas por essas sociedades, tornam-se referência para todos (Guacira LOURO, 2007, p. 21).

A citação acima traz a reflexão sobre como a escola pode distinguir sujeitos, mas também funcionar como um canal, no qual pode levar mudanças e inovações sociais para a sociedade em si, com grande potencial multiplicador e de abranger conhecimentos.

Quando há pluralidade mas não há discussão a respeito das diferenças e singularidades de cada um, as coisas se complicam ainda mais para aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação (Guacira LOURO, 2007). Segundo Rogério JUNQUEIRA (2009a; 2009b), citado por Neil Franco e Graça Cicillini (2015), “atrelado à invisibilidade das vivências *trans* e homossexuais, encontra-se o processo de internalização da homofobia, lesbofobia e transfobia, que pode levar o sujeito a se culpabilizar, sentir-se envergonhado/a e digno/a de ser agredido/a”.

A escola “dá lições” da sexualidade cotidianamente, muito além das possíveis sessões de “educação” ou “orientação sexual” previstas no currículo, visto que é um local privilegiado para o acesso e discussão das questões a ela relacionadas, pois trata-se de um espaço sexualizado e generificado, com grande variedade de experiências e opiniões, onde as alunas estabelecem relações que lhes permitem descobrir e conhecer aspectos da sua sexualidade e a das outras (Guacira LOURO, 1998; SILVA, 2011); em consequência, qualquer tentativa de

um projeto educacional alternativo implica uma tomada de posição mais ampla (Dagmar MEYER, 1998).

Apesar das dificuldades, a análise de trabalhos que já estão sendo colocados em prática podem se mostrar como potenciais de transformação da realidade dos gêneros e das sexualidades, onde em alguns lugares o tema é debatido e problematizado, expondo que é possível trabalhar este tema em conjunto com as diversas disciplinas do currículo escolar. Guacira Louro (2007) infere que vale a pena pôr em questão as formas como corpo e sexualidade costumam ser pensados e as formas como identidades e práticas têm sido consagradas ou marginalizadas. Ao fazer a história ou as histórias dessa pedagogia, talvez nos tornemos mais capazes de desarranjá-la, reinventá-la e torná-la plural.

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

3.1 Tipo de Pesquisa

Para a construção do delineamento das publicações nos Anais do ENPEC, realizou-se um mapeamento, que consistiu de duas etapas metodologicamente distintas. A primeira etapa teve caráter quantitativo, com a finalidade de contabilizar e comparar, do número total de trabalhos publicados nas três edições do evento analisado, aqueles que tinham enfoque na temática de diversidade de gênero e sexualidade. A segunda etapa, de caráter qualitativo, se deu a partir da Análise Textual Discursiva (ATD) de Roque Moraes (2003), analisando, refletindo e relacionando os trabalhos selecionados, a partir de leitura completa das publicações, bem como sua unitarização e categorização emergentes.

3.1.1 Etapa Quantitativa

A primeira etapa do mapeamento consistiu em uma pesquisa de todos os artigos publicados nos Anais das últimas três edições – 2013, 2015 e 2017 – do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC). O ENPEC é promovido pela Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC), e conta com trabalhos nas diferentes áreas das Ciências, sendo assim escolhido por apresentar-se como um dos maiores eventos de Educação em Ciências a nível nacional. A escolha por um evento amplo, não focado só em temas de gênero e/ou de sexualidade, aconteceu justamente para poder observar a predominância de trabalhos nessa área em comparação com as demais publicações do evento. Já a escolha por analisar três edições do evento foi condicionada pelo tempo do processo da pesquisa, feita de março a junho de 2018. Caso a busca nestes três eventos resultassem em demasiado material, não conseguindo a autora analisá-los a tempo da apresentação do TCC, seriam selecionados de alguma maneira para conseguir efetivar a pesquisa. Já se os trabalhos selecionados ao final fossem poucos, selecionaria mais edições do ENPEC para a pesquisa ou até Anais de outros eventos para poder comparar os resultados.

Nesta fase “preliminar”, contabilizou-se o total de trabalhos de cada evento. A partir de então, passou-se a fazer uma pré-seleção através de busca por palavras-chave, utilizando a ferramenta de busca disponível na organização dos Anais Eletrônicos do evento. Foram utilizadas na busca três termos apenas: diversidade; gênero; e sexualidade.

Considerando os números dos três eventos, obteve-se um total de publicações = 3239 trabalhos (2013 = 921, 2015 = 1.107 e 2017 = 1.211) em diversos temas; aqueles que possuíam as palavras chave acima determinadas totalizaram 91 trabalhos (aprox. 3% do total), dividindo-se da seguinte forma: o ano de 2013 compreendeu 34 trabalhos, sendo diversidade = 7, gênero = 12 e sexualidade = 15; já no evento de 2015 obteve-se 19 trabalhos, sendo diversidade = 6, gênero = 8 e sexualidade = 5; e, por último, no evento de 2017 observou-se 38 trabalhos, sendo diversidade = 7, gênero = 22 e sexualidade = 9. Estes 91 foram classificados para a Fase 1 do mapeamento, como mostra o Gráfico 1 a seguir:

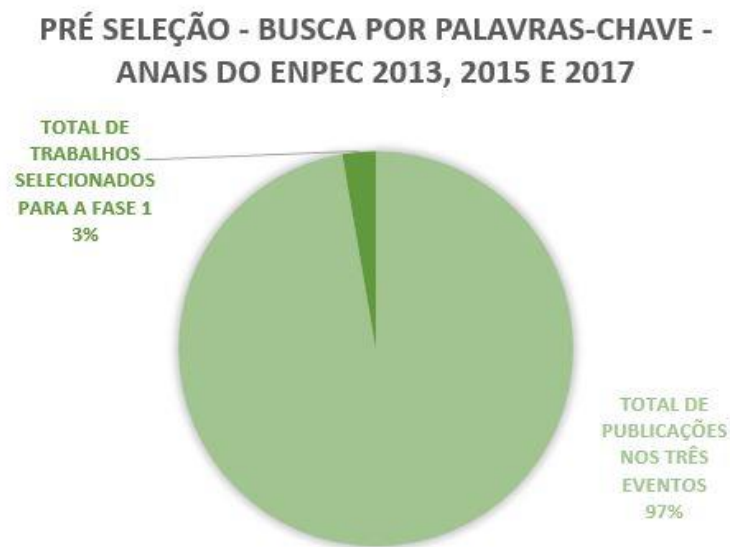


Gráfico 1 – Total de publicações nos três eventos = 3239 trabalhos; total de publicações selecionadas para a Fase 1 = 91 trabalhos.

Na Fase 1, os trabalhos que continham as palavras chave determinadas mas não estavam relacionadas com a temática de gênero e sexualidade foram eliminados (por exemplo: gênero literário; diversidade dos organismos); já os que tinham relação com a temática foram selecionados para a fase 2. Dos 91 trabalhos da fase 1, 24 foram eliminados nesta fase e 67 foram classificados para a Fase 2 (Gráfico 2).

FASE 1 - TRABALHOS SELECIONADOS E ELIMINADOS - ENPEC 2013, 2015 E 2017



Gráfico 2 – Selecionados para a Fase 2 = 67 trabalhos; eliminados na Fase 1 = 24 trabalhos.

Na Fase 2 foi realizada uma leitura diagonal dos 67 artigos, a fim de analisar a profundidade com que a temática de gênero e sexualidade foi abordada e desenvolvida. Por se tratar de um tema que está muito em alta, onde as palavras-chave estão sendo muito utilizadas, após a leitura, os artigos foram divididos em categorias, estabelecidas de acordo com: 1) O conceito aparece uma única vez ou poucas vezes, sem ser definido e relacionado com o tema do artigo; 2) O conceito aparece algumas vezes, é definido sucintamente e tem relação com o tema do artigo; 3) O conceito aparece diversas vezes, é definido e relacionado ao tema do artigo e 4) O conceito é o tema trabalhado no artigo, contextualizando-o.

Como a pesquisa foi realizada pelas palavras chave separadamente, houve casos de trabalhos, dentre os 67, que se sobrepunham: um trabalho possuía tanto a palavra chave de diversidade, quanto a de gênero, sendo contabilizado nestas duas categorias, por exemplo. Sendo assim, foi importante contabilizar todos os trabalhos até esta etapa pela veracidade na contabilização por palavras-chave, por exemplo, um trabalho que possuía tanto a palavra chave “gênero” quanto a palavra chave “diversidade” era contabilizado tanto na listagem de gênero quanto na listagem de diversidade, estando em duplicata até aqui. No entanto, a partir desta etapa, passou-se a fazer a leitura completa de cada texto, não fazendo sentido analisar trabalhos idênticos. Devido a isso, foram eliminados na Fase 2 aqueles trabalhos que lidaram superficialmente com o tema, bem como aqueles que abordaram de maneira profunda mas estavam duplicados pelas palavras-chave, considerando-o apenas uma vez.

Dos 67 trabalhos, 28 foram eliminados na Fase 2 (Gráfico 3). Os 39 restantes foram numerados de 1 a 40. Observação: inicialmente havia eliminado 27 e classificado 40 trabalhos (por isso a numeração de 1 a 40), e no meio do processo de leitura vi uma falha: os trabalhos de número 3 e número 13 eram o mesmo trabalho. Assim, excluí o trabalho de número 13 da fase de leituras (contabilizando 28 eliminados e 39 classificados).



Gráfico 3 - Seleccionados para a Fase 3 = 39 trabalhos; eliminados na Fase 2 = 28 trabalhos.

Os seleccionados para a Fase 3, conforme mostra o Gráfico 4, ficaram assim: ano de 2013: trabalhos numerados de 1 a 15 (com exceção do número 13 que foi excluído), totalizando 14 trabalhos; ano de 2015: trabalhos numerados de 16 a 25, totalizando 10 trabalhos; e ano de 2017: trabalhos numerados de 26 a 40, totalizando 15 trabalhos. Destes 39, dividiram-se por palavras-chave: diversidade = 2, gênero = 25 e sexualidade = 12.

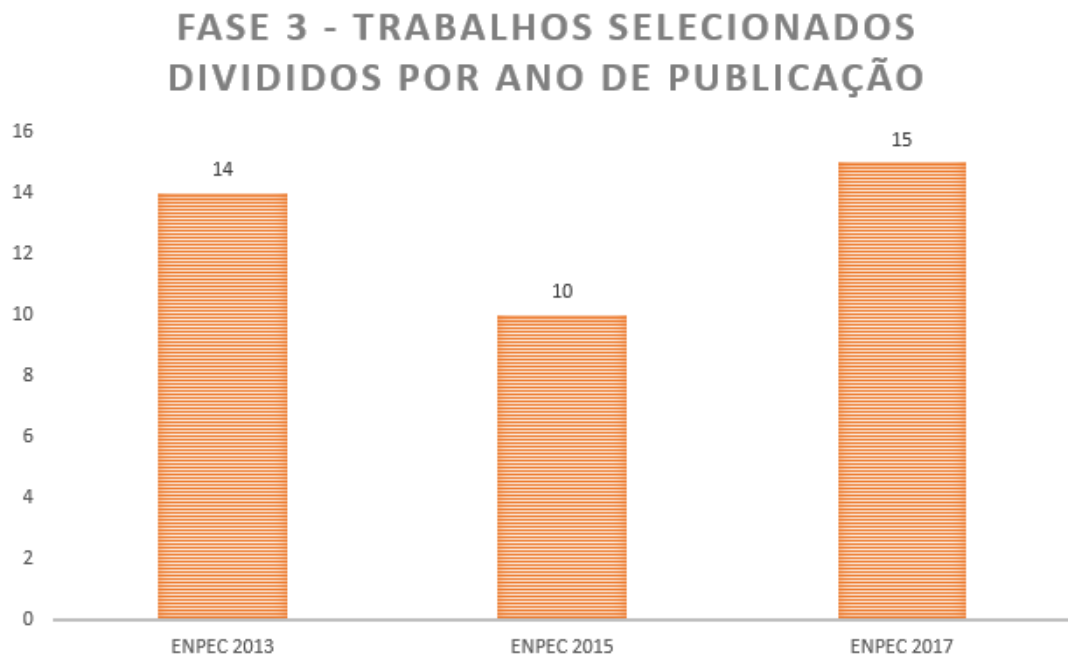


Gráfico 4 – Total de trabalhos selecionados para a leitura integral, análise e reflexão = 39, divididos pelos anos de publicação.

Os 39 selecionados para a Fase 3 finalmente foram aqueles trabalhos que apresentaram maior envolvimento na temática e serviram como base para análises, questionamentos e reflexões mais aprofundadas, iniciando-se assim a fase qualitativa desta pesquisa.

3.1.2 Etapa Qualitativa

Os trabalhos classificados para esta segunda etapa (qualitativa) foram lidos na íntegra. A partir da sequência sugerida por Roque Moraes (2003), através da imersão nos textos, pode ser feita sua fragmentação e unitarização, ressaltando suas unidades significativas.

Segundo Roque Moraes (2003), a ATD

pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem de uma sequência recursiva de três componentes: desconstrução do corpus, a unitarização, o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização, e o captar do novo emergente em que nova compreensão é comunicada e validada (Roque MORAES, 2003, p.192).

No total foram listadas setenta unitarizações. Após a desmontagem, passou-se a observar possíveis relações entre as unidades significativas, resultando na sua categorização em blocos de significados mais abrangentes e com uma rede de relações. Surgiram, então, quatro direções principais (categorias): 1) Achados Gerais; 2) O papel da professora/do professor; 3) O “feminino invisível” em destaque; 4) A centralidade biológica. Estas são compostas por muitas subunidades (unidades significativas), as quais se relacionam e se comunicam.

Construída então esta categorização, surgem diferentes maneiras de pensar a temática, possibilitando novas compreensões. Este arranjo gerou um conjunto de resultados diferenciados, interessantes, que, por sua vez, possibilitou discussões mais completas e relevantes acerca do assunto.

De que forma é trazida a temática? Como ela é escrita e analisada? A quem se direciona? Que tipo de experiências ela narra? Como ela apareceu na escola? Está sendo trabalhada apenas em ambiente escolar ou acadêmico também? Esses são alguns dos questionamentos emergenciais feitos durante a leitura dos textos.

A partir disso, minha análise envolve a descrição de alguns trechos dos artigos lidos, os quais se fizeram significantes para mim, contextualizados com as unitarizações e categorizações por mim elencadas, relacionando-os ao meu ponto de vista e ao embasamento teórico estudado para a realização deste trabalho. A seguir então, os aspectos mais relevantes e situações notórias dos 39 artigos lidos são discorridos, em parte mais discursivos e com o uso de referências dos trabalhos, em parte mais descritivo e quantitativo. Evidencio que todas as etapas, desde a leitura, foram guiadas por significados que eu atribuí, aquilo que me saltou aos olhos, tornando-se todo o corpo do texto significativo para mim. Portanto segue uma apresentação que discorre por estes aspectos que mais chamaram atenção, bem como pelos meus significados a eles atribuídos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Categorias

4.1.1 Achados Gerais

Para além das categorias acima, algumas informações relevantes de cunho descritivo e quantitativo dos trabalhos selecionados publicados no ENPEC foram elencadas. Essas, quando comparadas, permitem observar se há padrões na forma como o trabalho foi realizado, bem como demonstrar tendências de interesse sobre a temática, onde é feita, por quem é feita, para quem é voltada, entre outros. A seguir demonstro as que mais foram significativas para mim.

Pode-se observar, a partir da fase quantitativa deste trabalho que as publicações que abordavam a temática, de forma desde superficial até mais aprofundada, contabilizaram n=67, correspondendo a 2% das publicações totais do evento. Apesar de parecer um número pequeno, deve-se analisar outros eventos nacionais de educação em Ciências para poder aferir se há um padrão, se há uma tendência com o passar dos anos, entre outros fatores. Têm-se a ideia de dar continuidade a este trabalho através de análise temporal sobre o quanto a temática de gênero e sexualidade aparece desde o início das edições do ENPEC.

Os trabalhos selecionados nesta pesquisa foram realizados por diversas IES, distribuídas pelas 5 regiões. Das 39 publicações, 30% foram realizadas por instituições da região Sudeste do país, sendo esta a região com maior número de publicações. Em segundo lugar vem a região Sul, contribuindo com 23%. Logo depois aparecem as regiões Nordeste e Norte, cada uma representando aproximadamente 11% das publicações. Apenas 1 trabalho foi registrado na região Centro-Oeste (2,56%). A mesma porcentagem foi de publicações do exterior, com uma publicação colombiana.

Os trabalhos foram escritos: só por mulheres = 38,46%; só por homens: 12,82%; majoritariamente por mulheres: 12,82%; majoritariamente por homens: 2,56%; por uma mulher e por um homem: 12,82%, sendo este último quesito geralmente escrito por uma/um orientadora/orientador e por uma/um orientada/orientado. Observa-se forte participação feminina nestes artigos.

Quanto ao ano de publicação, foram distribuídos de maneira relativamente homogênea. O ano de 2017 apresentou 38% das publicações, seguido por 2013 com

aproximadamente 36% e, por último, 2015 com aproximadamente 26%. Quase metade dos trabalhos citam os Parâmetros Curriculares Nacionais (43,58%), tendo maior incidência nas publicações do ano de 2013.

Observou-se também a quem a pesquisa se direcionou e, apesar de grande número de publicações não informar ou não se aplicar neste quesito (33,33%), dos que informaram, notou-se a predominância de direção ao Ensino Fundamental (anos iniciais e finais juntos totalizando 41,02%). Os trabalhos voltados para o ambiente escolar se distribuíram da seguinte forma: ensino infantil = 7%; ensino fundamental – anos iniciais = 7%; ensino fundamental – anos finais = 33%; ensino médio = 10%; EJA = 2,5%. O ensino superior compreendeu 5% das publicações.

O caráter qualitativo predominou como método investigativo, abrangendo 26 trabalhos pelo menos (66,66%). Os demais trabalhos (33,33%) não informaram qual o método utilizado. Como ferramentas de extração de dados, 13 trabalhos utilizaram da aplicação de questionários; em 16 realizaram-se entrevistas; 1 trabalho analisou livros de ocorrências de escolas; 4 analisaram publicações do ENPEC; 4 trabalhos basearam-se em registros de observações em sala de aula, tais como fichas, notas de campo, gravações e filmagens; desenhos das alunas serviram de base para 1 trabalho; currículos de graduação foram base para 2 trabalhos; 6 trabalhos efetuaram pesquisas bibliográficas a respeito da temática; 1 trabalho analisou documentos curriculares nacionais; os livros didáticos foram analisados em 6 trabalhos. Vale ressaltar que alguns trabalhos valeram-se de mais de uma ferramenta. As intenções das pesquisas variou entre análises de situação escolar, análises de documentações e buscas bibliográficas, formação de professoras, desenvolvimento de práticas pedagógicas por sequências didáticas interativas, rodas de conversa e o uso do lúdico como recurso pedagógico. Houve predominância de análise de situação escolar e formação de professoras através de sequências didáticas.

Como método analítico dos dados obtidos, o mais evidente foi a Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin, utilizada em aproximadamente 31% das publicações. Em 25% dos trabalhos, a análise variou em métodos de Análise do Discurso, de Categorização Indutiva, da obtenção de Núcleos de Sentido, de Análise de Conteúdo na perspectiva de Minayo, da Análise Textual Discursiva, da Análise de Microprocessos e da Comunicação Oral e Figurativa. Aproximadamente 44% das publicações não informaram como analisaram os dados.

Quatro dos trabalhos analisados também tiveram como base a análise de publicações do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Para evitar passar a observar os

mesmos aspectos significativos destes trabalhos, influenciando nas minhas unitarizações e categorizações, estes trabalhos foram lidos após a escrita do meu trabalho.

A partir da leitura foi vista grande similaridade destes quatro com o meu, em alguns resultados e em aspectos metodológicos. Todos os trabalhos basearam a busca em palavras-chave. Quanto as regiões de publicação observou-se o mesmo padrão: a região Sudeste em primeiro lugar, seguido da região Sul e, o fato de todas as edições do ENPEC terem sido realizadas em cidades dos estados de São Paulo e Santa Catarina favorecendo o deslocamento e a participação de pesquisadores e estudantes que se situam nas suas proximidades como pontuou Andréa Melo (2017), pode ajudar a justificar esta maior quantidade. No que se refere ao gênero das escritoras e dos escritores, Felipe Bastos e Raquel Pinho (2017) também observou que houve predominância feminina, e salienta que tal predominância em artigos sobre sexualidade e gênero já foi verificada em outros encontros acadêmicos (Fernanda ETTER et al., 2014; Márcia FERREIRA; Georgina NUNES; Márcia KLUMB, 2013) citado por Felipe Bastos e Raquel Pinho (2017).

Segundo Andréa Melo (2017),

os resultados indicam que houve um aumento significativo do número dessas publicações a partir de 2005 (V ENPEC), e embora tenha reduzido à metade na edição seguinte, manteve-se em crescente desde então. Não se observa uma relação direta entre o número total de publicações e o percentual de pesquisas sobre gênero e sexualidade. Verifica-se ainda um reduzido número de estudos sobre essas temáticas, representando, 2,37% e 2,25% do total apresentado, respectivamente, no VII ENPEC (2009) e no IX ENPEC (2013). O aumento contínuo do número de publicações nos ENPEC evidencia a importância e o impacto deste evento acadêmico-científico na esfera de Pesquisa em Ensino de Ciências no Brasil, dando visibilidade à produção dos pesquisadores dessa área (Andréa MELO; 2017, p. 5)

O corpo dos trabalhos foi majoritariamente descritivo, com poucas reflexões no discorrer do mesmo. Um dos trabalhos pesquisou a temática de gênero e sexualidade juntamente com raça/etnia. Foi citado nos trabalhos a importância de movimentos sociais no aumento de número de publicações em 2013 e 2015.

Apesar de os 5 trabalhos (contabilizando este) se tratarem basicamente da mesma questão, da busca por temas relativos aos gêneros e às sexualidade no Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, cada um apresenta significados atribuídos pelos escritores da pesquisa, tornando-os singulares. Foi interessante fazer essas leituras pois me possibilitou observar análises que não pude ainda fazer pelo curto período de tempo, bem como relacioná-las com meu trabalho e entender mais alguns aspectos da pesquisa.

4.1.2 O Papel da Professora/do Professor

Formação Inicial e Continuada

Gênero e sexualidade são, segundo Kaciane Almeida e Nanci Luz (2011), conceitos relacionados que se apresentam de diversas maneiras ao longo da vida, assim sendo também quando considera-se o currículo escolar. Neste ambiente, a temática do meu estudo é abrangente e amplamente vivenciada, visto que cada sujeito carrega expressões únicas de sexualidades e as vivencia diariamente nas suas relações afetivas. Penso que deve-se então contextualizar e aproximar conhecimentos científicos aos saberes empíricos e interesses do alunado, tal mediação feita pelos professores. No entanto, nas minhas experiências em escolas, anteriores a esta pesquisa, o que se mostrou visível para mim foi o despreparo, medo e insegurança de docentes do Ensino Fundamental ao Ensino Médio para trabalhar a diversidade dos gêneros e das sexualidades.

Alguns fatores influenciam esse despreparo. Há um lado desta temática que causa insegurança nos professores por se tratar – ainda – de um assunto tabu, polêmico, que muitos têm vergonha, podendo afrontar crenças ou religiões ao ser debatido. Por outro lado, o assunto é abrangente, com ramificações, sentidos, significados e expressões e, de certa forma ocorre desestabilização e receio em não ter sempre as respostas corretas para todas as coisas, como nos fizeram acreditar que seria função da/do educadora/educador (Suse AZEVEDO; Marcos SOUZA, 2013). Além disso, a realidade da vida de professores de instituições escolares, com a desvalorização de seu trabalho e todas as suas implicações, é de cargas horárias extensas, lecionando em mais de uma escola, restando pouquíssimo tempo para estudar, pensar, questionar, problematizar, planejar coletivamente e modificar seus próprios tabus e preconceitos, seu trabalho e metodologias de ensino-aprendizagem. Em meio a esta correria, escolhe-se o caminho que menos escape da zona de conforto: aulas tradicionais, fazendo o uso do livro didático, preocupados em seguir conteúdos para vencê-los “até o fim do ano”. A educação se tornou uma lista de itens curriculares a serem preenchidos com um “*check*”, e o não cumprimento de conteúdos assombra os professores.

Outra observação a ser feita no âmbito da sala de aula, é que mesmo com a introdução do tema “Orientação Sexual” como Tema Transversal no currículo escolar, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), e com a recomendação de que esses temas devam ter uma abordagem transversal (PCN) e interdisciplinar (DCN), é nos livros de

Ciências e Biologia que os mesmos são citados, e a omissão de outras áreas acaba atribuindo ao professor desta área a responsabilidade de trazer o tema à sala de aula (Suse AZEVEDO; Marcos SOUZA, 2013). A realidade escolar acaba por restringir a temática pelo viés biológico, sendo o professor de Ciências e Biologia normalmente aquele designado como o mais qualificado para tratar o tema (Kaciane ALMEIDA e Nanci LUZ, 2011), visto que em suas aulas trabalha-se o sistema reprodutor humano. Assim, pesa a responsabilidade aos professores destas áreas, pois caso não trabalhem a abordagem multidimensional desta temática – EDIR MANDÚ e CORRÊA, (2000) apontam que há de se levar em consideração aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais de forma articulada - em suas aulas (e isso acontece em grande parte dos casos), possivelmente as alunas não terão outra oportunidade de contato com as potencialidades do assunto no período escolar.

Pergunta-se, então, sobre a formação destes profissionais, e sobre a profundidade com que o assunto foi debatido nos anos em que passaram pela academia. Aí surge um novo impasse: a realidade dos currículos nas universidades brasileiras. A partir de um mapeamento de disciplinas relacionadas a essas temáticas nas universidades federais brasileiras, Juliana Rizza, Paula Ribeiro e Maria Motta (2016) tiveram acesso a currículos de 44 IES espalhadas por todas as regiões do país, e identificaram a presença dessas disciplinas em 86% delas, porém eram, em sua maioria (85%), ofertadas como optativas.

Fica evidente a priorização de certos conhecimentos no currículo em detrimento a outros, e pode-se observar a maior parte de disciplinas de cursos de graduação voltadas para o saber científico, objetivo, que marginaliza a subjetividade que constitui cada uma e cada um. Professores formam-se com grande carga de conhecimento científico, mas deficientes no que diz respeito a discussões mais amplas que sejam extraordinárias ao currículo escolar engessado, carecendo também de metodologias que aproximem conteúdos à vida das alunas. Tal priorização no currículo acadêmico reflete diretamente no currículo escolar, o qual possui gama enorme de temas a serem abordados, focados na ciência objetiva, e poucos espaços para a discussão destes e de outros temas transversais que competem a muitas disciplinas.

Na mesma pesquisa acima citada, Juliana Rizza, Paula Ribeiro e Maria Motta (2016) observaram que das 384 disciplinas voltadas para a temática de gênero e sexualidade elencadas nas 44 IES, somente 11 fazem parte de graduações em Ciências Biológicas. Na realidade do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul não há nenhuma disciplina voltada para estas questões. O grupo PET Biologia da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), numa tentativa de suprir essa carência do currículo e visando oportunizar às estudantes a aproximação com a temática, criou, em 2015,

o projeto de extensão COLORE, compreendendo a formação das próprias integrantes do grupo, bem como a discussão, criação de materiais de divulgação e organização de eventos para as discentes do curso de Ciências Biológicas e para a comunidade acadêmica como um todo. Mais recentemente, o COLORE juntamente com uma professora do Instituto de Biociências da UFRGS, vêm tentando elaborar uma disciplina para ser ofertada ao curso de graduação.

Tendo em vista os dados da pesquisa acerca do currículo das universidades federais brasileiras, pode-se observar que mesmo sendo professores de Ciências e Biologia os maiores responsabilizados por abordarem a temática, os currículos de formação destes profissionais, em sua maioria, não possuem disciplinas específicas voltadas para estes assuntos. O déficit de discussão acerca da temática de gênero e sexualidade nos cursos de graduação acarreta em um déficit na formação das graduandas, que acabam por não ter ou ter pouco contato com o tema dentro da academia, não sendo suficiente para preparar e qualificar o futuro profissional para lidar com inúmeras situações que dizem respeito a estes temas nas escolas em que irão lecionar.

Necessita-se, urgentemente, que nos currículos de todos os cursos (a atuação tanto de bacharéis quanto de licenciados envolve lidar com pessoas e, conseqüentemente, com a diversidade do ser humano) das universidades sejam oferecidas oportunidades de formação acerca de gênero e sexualidade, através de eventos, cursos, contextualizações com os temas em questão em disciplinas já existentes, mostrando diferentes vieses dos mesmos, ou com a inserção de disciplinas exclusivas para abordagens da temática. Trabalhar gênero e sexualidade continuamente em disciplinas que convêm fazer relações e, ao menos por um semestre, dispor de uma disciplina exclusiva para estudar de maneira mais profunda, propicia maior conhecimento e envolvimento, e oportuniza a preparação e capacitação de graduandas.

Cabe salientar a importância de movimentos sociais feministas e LGBTQ e de grupos de pesquisa sobre Corpos, Gêneros e Sexualidades nas IES (há o GEERGE – Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero – e o NUPSEX – Núcleo de Pesquisa em Gênero e Sexualidade – na UFRGS), pois eventos organizados por estes movimentos e grupos acabam, por vezes, sendo o único meio de contato de graduandas para a sua formação e qualificação profissional.

É necessário cuidado pois, como lido em um dos trabalhos - o qual diz respeito ao currículo do curso de Pedagogia da UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia -, que oferece a disciplina de “Educação, Gênero e Sexualidade” - as questões de corpo, gênero e sexualidade ficam restritas apenas a esta disciplina, sendo que deveriam perpassar todas as

disciplinas do curso, abordando a temática de sexualidade e gênero de modo intencional e ao longo de todo o processo de formação docente (Lilian CRUZ; Marcos SOUZA, 2013). Lilian Cruz e Marcos Souza (2013) acrescentam ainda que de todas as disciplinas que o curso oferece, essa é que legitima o espaço para discussão das questões de corpo, gênero e sexualidade. É muito importante ter um espaço exclusivo para a temática e suas vertentes, não precisando depender da “caridade” (pois muitos o fazem como um favor ou uma obrigação) de professores para acercar-se do assunto, mas isso não diminui a importância de continuar contextualizando o tema a partir de outros olhares, outros autores, outros professores com argumentos, visões e opiniões em disciplinas diversas.

Algo estrutural que pode ser observado nas disciplinas curriculares acadêmicas é o uso de suporte teórico e recomendações bibliográficas estruturalistas, majoritariamente masculinas, de autores estadunidenses ou europeus. A invisibilidade feminina e latino-americana na universidade reforça padrões sociais e culturais e expõe mais uma desigualdade de gênero e jogos de poder no campo acadêmico/profissional. Como relatou Lilian Cruz e Marcos Souza (2013), o curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), na disciplina de Corpo, Gênero e Sexualidade,

utiliza referenciais mais na abordagem pós-estruturalista, como Michel Foucault, Guacira Lopes Louro, Gilles Deleuze, Judith Butler, entre outros. Segundo Tarsila, essas mudanças ocorreram devido à necessidade de discutir questões atuais da sociedade, tais como, a homofobia, as relações homoafetivas, adoção de crianças por famílias homoafetivas, as relações de gênero (papel social do homem e da mulher no mundo atual), relações de poder. A ampliação do referencial ocorreu, pois o anterior não dava conta dessa discussão mais ampla (Lilian CRUZ; Marcos SOUZA, 2013, p. 5).

Inúmeras pesquisadoras, cientistas, estudantes mulheres fazem estudos e descobertas incríveis e mesmo assim continuam sendo invisibilizadas, havendo relatos de que precisam produzir um pouco a mais do que os homens precisam produzir para que seu trabalho tenha a mesma credibilidade (Renata ROSENTHAL; Daisy REZENDE, 2017, p. 4).

Muitas mulheres que foram importantes em episódios da história da ciência receberam o mérito devido, porém, nos livros didáticos elas não figuram, e mal são citadas (quando são) (Luis LIMA; Josivânia DANTAS; Carla CABRAL, 2015), fazendo-se de extrema importância a representatividade feminina como referencial científico. Ter como referências mulheres nas mais diversas áreas da pesquisa ajuda na desconstrução do estereótipo atribuído ao cientista: o homem branco, com mais idade, em um laboratório realizando experimentos. Além disso, ajuda a divulgar o conhecimento produzido por mulheres, e identificar rostos

femininos na história da ciência, coisa rara de acontecer. Em alguns trabalhos analisados, docentes da Educação Básica de escolas públicas do Paraná das áreas de Ciências Biológicas, Filosofia, Geografia, Letras e Matemática, responderam questionários acerca do seu conhecimento sobre mulheres que se destacam ou se destacaram em pesquisas científicas na sua área de formação e o que sabem a respeito de suas produções científicas. Os resultados mostraram pouquíssimo conhecimento das docentes, listando 5 nomes de pesquisadoras conhecidas em todas as áreas citadas, e que esse conhecimento não permite que discutam questões relacionadas à construção do conhecimento científico que essas pesquisadoras produziram (Bettina HEERDT; Irinéa BATISTA, 2017). Houve repetição do nome de Marie Curie - quatro docentes citam o nome dessa cientista (Bettina HEERDT; Irinéa BATISTA, 2017).

Ora, se na graduação não fazem uso de referenciais femininos, tende-se a formar profissionais ignorantes quanto a atuação da mulher na pesquisa científica, e por consequência, como demonstra Irinéa Batista et al. (2013), se não possuímos conhecimentos relacionados a questões de gênero, também não as reconhecemos em nossas salas de aula. Portanto, a participação feminina na produção científica e questões de gênero devem fazer parte do repertório de conhecimento da/do professora/professor (Irinéa BATISTA et al., 2013). A reprodução de padrões na escola pode direcionar (e muito) nas escolhas acadêmicas e profissionais das alunas: trabalhos analisados, realizados em escolas, mostraram que para as crianças de maneira geral, prepondera a imagem do homem como cientista (Ester ALMEIDA; Fernanda FRANZOLIN, 2017). Menor interesse de mulheres em carreiras científicas resultam em menor número de mulheres matriculadas em cursos das áreas das Ciências, como relata uma professora no trabalho de Renata Rosenthal e Daisy Rezende (2017), a qual diz que após seu ingresso na carreira, optou pela Matemática pura e era a única mulher na sala de aula durante praticamente todo seu percurso. Isso culmina em menor participação na pesquisa e menos representatividade em publicações científicas. Assim é perpetuado um círculo vicioso da invisibilidade de mulheres na Ciência. Ou seja: representatividade feminina importa sim!

Vale pontuar que, apesar de a maioria dos trabalhos analisados baterem na mesma tecla, a da importância da formação de professores, apenas alguns realmente tiveram a base do trabalho em si voltado para a formação de graduandas ou de professoras da educação básica. Todos os trabalhos realizados com este fim, de oportunizar formação, foram bem sucedidos nos resultados imediatos, avaliados ao fim do processo formacional, levando-se em conta o pouco tempo de duração das atividades propostas. No entanto, explicitou-se a necessidade de dar continuidade aos processos, efetuando formações continuadas, pois apenas

ações pontuais tornam-se pouco significativas e efetivas no repertório de conhecimento das aprendizes. Precisa-se discutir a formação com que estão sendo preparados os professores para encarar a orientação sexual na escola, cuja maioria se sente despreparada para abordar essa temática (Alcione AMORIM; Lilliane FREITAS, 2013).

Planejamento

Diversos fatores compõem as aulas, a logística e o funcionamento escolar. Como já citado anteriormente, a escola espelha a sociedade, costumes, crenças, comportamentos. Servindo como um indicador social, traz ‘o de fora para dentro’ e tem potencial para levar ‘o de dentro para fora’, tornando-se, o ambiente escolar, propício para a discussão de temas de relevância social, de formação do sujeito, formação cidadã. É uma instituição que aporta grande diversidade de pensamentos, vidas, individualidades. Ela forma, disciplina e normatiza corpos, ao mesmo tempo que pode problematizar e desconstruir paradigmas sociais. Falar sobre questões voltadas para a sexualidade em casa ainda é tabu, não podemos negar que a família, de forma geral, transfere para a escola essa função, fazendo com que a sexualidade seja mais um tema, entre outros, cuja responsabilidade pela informação e formação é atribuída à escola – que agora tem mais uma entre tantas responsabilidades” (Helena ALTMANN, 2007), e essas discussões precisam deixar de ser uma opção e serem vistas como importantes para o espaço escolar; para isso a escola não pode se fechar ao debate (Suse AZEVEDO; Marcos SOUZA, 2013). Cai assim sobre a escola maior responsabilização por auxiliar na formação da sexualidade dos sujeitos, portanto, seria importante existir um diálogo entre a escola e a família para uma melhor condução do desenvolvimento da sexualidade (Roberta CICCO; Eliane VARGAS, 2013) do alunado, tornando este processo mais amplo e compartilhado.

Plural, o ambiente escolar possui muitas identidades, pessoas que formam sua sexualidade desde bebês, por meio do descobrimento dos corpos, dos prazeres, da busca de bem-estar sem erotização (Dário LANES et al., 2013). É importante então, desde a educação infantil haver estímulo a entender a sexualidade de maneira saudável dos corpos, de modo que a criança tenha familiaridade com seu próprio corpo e as características a ele impostas por classificar-se de certo gênero social. Há, juntamente no processo de reconhecimento de identidades, a atribuição de diferenças. A sociedade realiza este processo de maneira mais ampla, delimita os que estão de acordo com seus padrões culturais, representando a norma, e

aqueles que estão marginais a ela. A norma estabelecida socialmente remete ao homem branco, heterossexual, de classe média e cristão, passando a ser a referência que não precisa mais ser nomeada, e serão os “outros” os sujeitos marcados e discriminados por não seguirem esse padrão (LOURO 2007). Na fase escolar inicial já se deve tentar desconstruir padrões, diminuir as imposições atribuídas aos gêneros, bem como os discursos normativos que dizem o que é do mundo dos meninos e o que é do mundo das meninas. Quanto mais inicialmente a criança se conhecer e sentir confortável em relação ao seu corpo, seu sexo, seu gênero e suas relações afetivas, melhor formará sua identidade sexual. Possibilitar o conhecimento a respeito das diversidades sexuais e de gênero pode permitir maior liberdade às crianças quanto à expressão de suas identidades sexuais, com as propriedades de fluidez e inconstância (LOURO, 2007) podendo mudar ao longo da vida dos indivíduos.

Quase metade dos trabalhos analisados basearam-se em análise de situação escolar, relacionando a temática de diversidade de gêneros e sexualidades com a formação de professores, com a realização de práticas pedagógicas, fazendo análises de livros de ocorrência de conflitos da escola e de livros didáticos, entre outros. Observa-se, novamente, que tudo o que permeia este assunto é direcionado para as aulas de Ciências e Biologia, aparecendo em quase todos os casos restrito a aspectos biológicos de anatomia e fisiologia nas aulas sobre reprodução, e ignora-se os aspectos psicológicos, políticos e socioculturais de forma articulada. Gravidez na adolescência, métodos contraceptivos e ISTs são temas que aparecem com frequência, ou nas aulas, ou por palestras oferecidas as alunas das escolas.

Há certo “padrão” de desinteresse na turma quando a abordagem da aula se restringe ao viés biológico, geralmente descontextualizada da vida das alunas. Alguns trabalhos analisaram questionários aplicados em turmas de ensino fundamental e médio e, em sua maioria, o leque de respostas se abriu significativamente quanto a seus interesses de debate acercando-se à temática de gênero e sexualidade, aparecendo por exemplo: masturbação, a “primeira vez”, abuso sexual, orientação sexual, entre outros. Deve-se observar também, que algumas respostas de interesse que foram pouco citadas pelas alunas possuem uma ‘aura’ polêmica e cheia de tabus em sua volta, como por exemplo prostituição e aborto, e este desinteresse pelos temas acabam por dizer muito, visto que provavelmente causam desconforto, vergonha ou constrangimento ao serem debatidos, reforçando ainda mais a importância de buscar ferramentas que aproximem e contextualizem tais debates para as aulas, cabendo ao professor ter esse “*feeling*”. Outro fator a se pensar é que a pouca manifestação de interesse por alguns assuntos pode estar relacionada não à falta de curiosidade, mas por considerarem que estes não são assuntos que a escola poderia abordar

(Alcione AMORIM; Lilliane FREITAS, 2013) e acabam por silenciar ou compartilhar curiosidades e descobertas apenas com os amigos, atitude que pode perpetuar mitos, preconceitos e estereotipações pela falta de conhecimento.

A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se “despir” (Suse AZEVEDO; Marcos SOUZA, 2013) portanto, se faz necessário ampliar as discussões e reflexões sobre sexualidade e gênero neste ambiente. Demonstrar interesse ao saber empírico das alunas, ao que elas conversam e compartilham entre si, e dar espaço de fala para suas curiosidades e dúvidas, pode tanto melhorar a relação professora-aluna, como ajudar a professora a direcionar seus conceitos e teorias para aquilo que é significativo ao alunado. Pode haver desconforto para se falar, então é importante considerar métodos como o do “saco sem-vergonha”, no qual dúvidas foram depositadas sem identificação em um saco de tecido, e retomadas nas atividades subsequentes (Bartira CEZAR; Eliane VARGAS, 2013). Essa abertura, juntamente com a busca por abordagens facilitadoras de se entrar na temática, bem como de metodologias que diminuam a vergonha e a timidez, podem propiciar mais conforto e segurança para a turma e para a professora.

A análise de Livros de Ocorrência escolares foi feita e usada como base para um trabalho analisado, e com os resultados obtidos, parece ser possível inferir que a invisibilidade da temática das sexualidades não heterossexuais no ambiente escolar se reflete no Livro de Ocorrências (Leandro COELHO; Luciana CAMPOS, 2013), com casos de silenciamento de preconceitos ocorridos na escola. A escola ainda super valoriza a “boa aluna”, esta atribuição de valor está associada a comportamentos daqueles que seguem as normas, e a norma seguida pela escola se orienta pela heteronormatividade. Vários trabalhos relatam casos de culpabilização da vítima, e a questão da homossexualidade, por exemplo, é considerada ainda como um “problema”, seja nas escolas da rede básica de educação ou nos níveis mais altos de escolarização, como na graduação e pós-graduação, tanto por parte de alunas quanto de professoras, que preferem silenciar ou oprimir outrem, a dialogar ou rever seus (pre)conceitos (Andréa MELO, 2017). E isso, além de fazer quem sofre preconceito ser prejudicado ou de certa forma castigado, legitima atitudes homofóbicas e transfóbicas, reproduzindo assim injustiças sociais no espaço escolar. Ocorre também a disseminação de discursos politicamente corretos de respeito às diferenças, de “aceitação” ou “tolerância” com a população LGBTTT sem que se tratem as relações homoafetivas como possibilidades (Suse AZEVEDO; Marcos SOUZA, 2013), como se a sexualidade do outro precisasse de aprovação para se manifestar (Elisangela SANTANA; Manuella SANTOS; Silvaney SEABRA, 2015).

Esse discurso mascara e encobre preconceitos pois segundo Suse Azevedo e Marcos Souza (2013), se ensina que a/o homossexual deve ser respeitada/respeitado como pessoa, mas que a forma como a/o mesma/mesmo vive sua sexualidade é algo “diferente” e fora dos padrões ditos normais. Andréa Melo (2017) apoia a ideia de que torna-se necessário e urgente propiciar essa discussão também na formação docente inicial e continuada, para que tais perspectivas possam constituir profissionais engajados em uma educação emancipatória e crítica dos sujeitos.

O livro didático é uma ferramenta amplamente utilizada, vem sendo usado como suporte para muitos professores. Essa constatação preocupa quando análises feitas a partir destes livros evidenciam que o gênero feminino ainda é representado de uma maneira estereotipada, em que existe atribuição de papéis a atividades relacionadas à manutenção da vida e do lar, ocorrendo, em alguns casos, explicações determinísticas biológicas para justificar relações entre os gêneros (MARTINS; HOFFMAN, 2007; CASAGRANDE; CARVALHO, 2006) citado por (Irinéa BATISTA et al., 2015). Pode-se observar também menor representatividade feminina em imagens e exemplos e as configurações familiares são, em sua maioria, representadas por casais heteronormativos. Em trabalhos que tiveram como base a análise de filmes e livros infantis, a reprodução de estereótipos de gênero (meninas só fazem isto, meninos só fazem aquilo...), raça e de classe também se fizeram presentes. As construções que as crianças fazem a partir da visualização destes padrões podem ter consequências psicossociais, e influências futuras até em suas escolhas acadêmicas e profissionais.

É preciso que as professoras estejam atentas na hora de escolher materiais e tudo aquilo que será apresentado as alunas, para que ferramentas que reforçam e perpetuam tais estereótipos parem de circular em sala de aula. Além disso, buscar ferramentas que fogem da monotonia do livro – muitas vezes nem um pouco – didático pode ser uma saída, tanto para atrair mais as alunas ao tema da aula, como para propiciar maior entendimento e assimilação do mesmo. Refletir sobre o planejamento das aulas, bem como sobre o currículo vigente, buscar práticas pedagógicas de acolhimento e de respeito à diversidade sexual e de gênero e lutar por políticas educacionais que venham ao encontro da formação cidadã baseada no respeito e na inclusão, são tentativas importantíssimas que profissionais da educação podem fazer a fim de compartilhar de educação mais justa e equânime.

Algo que influencia a insegurança de professores são os binarismos sociais presentes, o bom e o mau, o melhor e o pior, o certo e o errado, o homem e a mulher, o feminino e o masculino. Essa dualidade de termos coloca em risco a própria autoridade do professor em

sala de aula, pois este carrega o fardo imposto de ter a sabedoria plena, o fardo de não poder errar. Deborah Britzman (2001, p. 86) citada por Andréa Silva, Ana Lima e Vera Siqueira (2013) acrescenta que a cultura escolar trabalha com respostas estáveis, sobretudo quando se trata de sexualidade, e a abertura de discussões com o investimento em respostas binárias cria obstáculos a novos temas e curiosidades, pautando a discussão das questões em um espaço de respostas certas e erradas, não deixando espaço para pensamentos, reflexões e respostas que transitam entre um e outro, nem levando-se em conta a realidade de cada situação, de cada caso. Não ter respostas prontas também causa desconforto na docente, no entanto, o mundo que permeia os gêneros e as sexualidades não possui tais respostas.

Para além do âmbito escolar, os novos arranjos da sexualidade e da família trazem à tona em nossa cultura atual a insuficiência do modelo binário e hierárquico de diferença sexual (Mariana POMBO, 2017) pois este não representa as infinidades de subjetividades dos indivíduos. Existe, culturalmente, um binarismo heterossexual, o qual estabelece diferenças entre o masculino e o feminino (sendo o primeiro superior), bem como a naturalização da heterossexualidade.

Segundo Judith Butler, (1990/2013), citado por Mariana Pombo (2017),

a heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e “fêmea”. A matriz cultural por intermédio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” – isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “gênero”. (Judith BUTLER, 1990/2013, p. 38-39)

Daí resulta uma divisão entre identidades de gênero legítimas e ilegítimas (Mariana POMBO, 2017), sendo aquelas relacionadas coerentemente entre sexo, gênero, prática sexual e desejo as que serão legitimadas.

A desconstrução de tais binarismos que tanto padronizam, limitam e segregam se faz necessária, e deve-se pensar nisso quando sugere-se mudanças efetivas na legislação, bem como na construção de currículos.

Apesar de escolas públicas serem instituições padronizadas e regidas pelas mesmas normas a nível mais amplo, cada uma possui suas especificidades, visto que possuem certa autonomia e flexibilidade e que são formadas por pessoas, e cada grupo de profissionais têm uma maneira singular de trabalhar. Apresento um exemplo vivenciado por mim e outro a partir da análise dos trabalhos que sustentam este estudo.

Em 2014 fui bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), minha primeira experiência com a docência. Trabalhei em uma escola estadual em Porto Alegre – RS, com uma turma do 6º ano. A turma tinha 13 alunos e alunas com idades variando de 10 a 16 anos. Nesta turma havia uma aluna gestante. Havia também uma aluna que, por ter fotos nuas vazadas na internet – situação que o ex namorado a expôs -, estava temporariamente ausente das aulas, tendo apoio psicológico. Frente a esta situação, eu e minha dupla, após já termos feito algumas inserções em sala de aula, planejamos montar uma sequência didática sobre sexualidade e relacionar com interesses das alunas – que seriam observados através de uma sondagem – bem como com fatores que tivessem ligação com os fatos ocorridos com as alunas da escola. Nos dirigimos então até a diretora da escola, para apresentar nossa ideia. Sem dar espaço para nossas argumentações, a diretora vetou veementemente nosso plano, com o argumento de que as famílias não gostariam que suas filhas falassem sobre sexo e outros temas na escola. Lembro de ter sido frustrante não poder discutir abertamente sobre temas que os alunos vivenciavam diariamente, e que praticavam com certa ignorância.

Por outro lado, algo que surpreendeu positivamente na leitura dos trabalhos foi ver que escolas da rede municipal de Jequié – BA oferecem em sua grade curricular disciplinas intituladas “Educação para a Sexualidade” para os anos finais do ensino fundamental, garantindo espaço e tempo exclusivos para temas voltados às sexualidades dos sujeitos. A disciplina tem como foco principal a prevenção à gravidez na adolescência e às DST/Aids (Suse AZEVEDO; Marcos SOUZA, 2013), porém o espaço da aula proporciona o debate de outras questões que fogem a estas normatizações, como gênero, diversidade sexual, homofobia, afetividade, auto-estima, prostituição e aborto.

Duas escolas, duas regiões do país diferentes, duas realidades. É difícil comparar a situação da permissão de se trabalhar a temática visto que, na segunda escola, a existência da disciplina deve-se à implantação pela prefeitura. Não há como saber se caso não tivesse a disciplina a direção da escola permitiria abordar estes assuntos. Não se pode também generalizar a atitude da diretora da primeira escola, eu mesma tive experiências em outras escolas através do PIBID, na mesma cidade, e tive total liberdade de abordar questões de gênero e sexualidade – e assim o fiz. A abordagem tardia de temas como por exemplo, gravidez e ISTs, após atos sexuais inseguros, pode trazer mudanças irreparáveis na vida das estudantes. Como dito anteriormente, cada caso é um caso. Ao levar em consideração questões relacionadas ao tema desde a educação infantil, é provável que diminua a resistência em relação a ele nas escolas básicas e secundárias, e que aumente a consciência dos corpos,

das possibilidades de sexualidade e de gênero dos indivíduos, bem como sua capacidade de julgar o momento correto e os instrumentos adequados para práticas afetivas e sexuais de autocuidado e de respeito ao outro.

Estes dois exemplos de situação escolar acabam por exemplificar também como o processo é lento, ora desestimulante ao se deparar com situações de resistência e de preconceito, ora estimulante ao escutar relatos de colegas de como estão impressionados com o engajamento político de suas alunas, com o pensamento crítico observado em sua turma de estágio, ao ler trabalhos que priorizam a causa, ao ver como práticas pedagógicas têm sido colocadas em prática. Durante o processo de leitura dos trabalhos passavam-se dois sentimentos: é triste ver que tudo ainda é tão igual e essa temática é ainda tão emergente que pouco mudou em aproximadamente 40 anos, quando começou a ser mais discutida e problematizada, para os dias de hoje; mas também alegre e dá esperanças ver que já se tem bastantes estudos na área, e escritoras que me contemplam tanto em suas escritas. Cabe a nós, graduandas de cursos de licenciatura, nos apoiarmos e buscarmos forças uns com os outros para permanecer ansiando por mudanças e pela educação igualitária. Somos moldados pela cultura que estamos inseridos, ao passo que a cultura é moldada por nós, portanto constantemente devemos tentar ajustar a sociedade de forma que contemple a todos, levando-se em consideração o respeito e os direitos de cada cidadão. Se com o avanço nos estudos sobre a temática as mudanças são lentas, sem investimento em discussão e problematização da mesma a mudança será nula, e ainda pode haver retrocessos.

Legislação e Documentos

A discussão sobre educação pelos Planos de Educação são elaboradas por comissões ou por fóruns representativos, aprovados pela sociedade, transformadas em leis por deputadas e vereadoras e sancionadas por governadoras e prefeitas (Deisi NORO; Márcia NÓBILE; Diogo SOUZA, 2017), estas muitas vezes sem envolvimento algum com educação. Há grande pressão de grupos religiosos conservadores na política exigindo que o respeito à identidade de gênero e à orientação sexual sejam textualmente generalizados como no inciso de um dos artigos do PNE: “erradicação de todas as formas de discriminação” (Deisi NORO; Márcia NÓBILE; Diogo SOUZA, 2017).

O foco de discriminação está voltado para a população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), uma vez que retiram todas as menções de respeito à orientação sexual e identidade de gênero, além das palavras gênero, sexo e sexualidade (Deisi NORO; Márcia NÓBILE; Diogo SOUZA, 2017, p. 3).

Com isso, pedem a retirada de metas ou estratégias que mencionem tais termos. O motivo é o que chamam de estar repassando a “Ideologia de Gênero”. Segundo Paulo Azevedo (2015):

A “Ideologia de Gênero” afirma que ninguém nasce homem ou mulher, mas deve construir sua própria identidade, isto é, o seu gênero, ao longo da vida. O que significa “gênero”, então? Gênero seria uma construção pessoal, auto-definida, e ninguém deveria ser identificado como “homem” ou “mulher”, mas teria de inventar a sua própria identidade. (Paulo AZEVEDO, 2015)

Cartilhas, textos e vídeos, muitas vezes sem autoria, nem referência bibliográfica, por vezes disponibilizados por bispos, padres e pastores, surgem com o firme propósito de mobilização da sociedade para que entrem em contato com deputados/as e vereadores/as, exigindo que eles/as não aprovem os textos que contém os termos (Deisi NORO; Márcia NÓBILE; Diogo SOUZA, 2017), o trecho acima citado do Padre Paulo é um exemplo destes materiais divulgados. Há inúmeros estudos e movimentos sociais de lutas por direitos de gênero, a Ideologia de Gênero desqualifica tais grupos.

Para a instituição escolar conseguir lidar com a proliferação de discursos sobre a sexualidade, um dos investimentos “formais” foi a introdução do tema “Orientação Sexual” no currículo como um dos “Temas Transversais” através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), e a partir deste documento ocorre oficialmente a inserção da temática sexualidade no currículo (Andréa SILVA; Ana LIMA; Vera SIQUEIRA, 2013). Quase metade dos trabalhos analisados neste estudo citam os Parâmetros Curriculares Nacionais (43,58%), com maior incidência nas publicações do ano de 2013. Os PCN quanto à Orientação Sexual, devem propiciar as alunas, como descreve Deisi Noro, Márcia Nóbile e Diogo Souza (2017), informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilitando o desenvolvimento de atitudes coerentes com valores próprios e diferenciando-se da educação sexual que era aquela disponibilizada pela família. No entanto, as muitas interpretações do termo “Orientação Sexual” e a discussão a respeito da sua nomenclatura, bem como ao uso de Educação Sexual ou Orientação Sexual se faziam presentes. Sobre isso, Deisi Noro, Márcia Nóbile e Diogo Souza (2017) relatam que, quase vinte anos depois da distribuição dos PCN, as publicações atuais enaltecem a educação sexual

como prática docente de planejamento e implementação de atividades no campo da sexualidade, deixando a orientação sexual para definir por quem a pessoa sente atração e, segundo Jimena Furlani (2011), a educação sexual é assunto que não pode ficar ausente dos currículos escolares.

Referindo-se ao trabalho de Joana Barros (2013), o qual analisou também propostas pedagógicas emanadas pelo MEC e pelo CNE, a articulação do tema “sexualidade” deve ser feita de forma transversal (pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN) e de forma inter/transdisciplinar (pelas Diretrizes Curriculares Nacionais). Através destes meios, objetiva-se construir aprendizagens significativas pela aproximação da prática pedagógica às questões mais urgentes sob o princípio da cidadania. Porém, na prática, há algumas precariedades na operacionalização desta proposta, entre elas a própria flexibilidade do projeto (Joana BARROS, 2013). Tal flexibilidade destes documentos permite a omissão de tais temas, pois fica a critério da professora e da sua vontade se desenvolverá o tema em suas aulas ou não... E assim, apesar de ser um “assunto de todas” acaba por efetivamente ser “de ninguém” por obrigatoriedade.

Questões que envolvem a diversidade seja ela de gênero, sexualidade ou etnia/raça oscilam entre períodos de avanços e recuos no Brasil (Lucas GONTIJO et al., 2017). Evidencia-se que por mais que certos investimentos na ampliação de políticas inclusivas tenham sido aplicados, Lucas Gontijo et al. (2017) relata, a respeito de recuos, o seguinte:

seguimentos políticos e sociais de base conservadora buscam minar essas conquistas em ações como, por exemplo, da supressão do Plano Nacional da Educação (PNE) de marcadores sociais como gênero, sexualidade, raça, etnia e geração, ou o Movimento Escola Sem Partido que considera que a educação deva ser eminentemente técnica, e desenvolvida em ambiente de neutralidade. (Lucas GONTIJO et al., 2017, p. 2)

Mais atualmente, em abril de 2017, o Ministério da Educação (MEC) entregou a terceira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - definida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996) – com mudanças em relação às versões anteriores elaboradas durante o governo de Dilma e, sob o comando de Temer, foram retiradas referências aos termos “identidade de gênero” e “orientação sexual” (André FÁBIO, 2017). Segundo André Fábio (2017),

em um trecho da introdução do documento, por exemplo, o governo afirmava que educadores deveriam promover respeito ao outro, “sem preconceitos de origem, etnia, gênero, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se

comprometer”. Após a alteração, na quarta versão, o documento passa a falar apenas em promover respeito “sem preconceitos de qualquer natureza” (André FÁBIO, 2017).

Algo que influencia diretamente a forma de aplicação destas retiradas é o fato de que o documento servirá de base para as editoras que elaboram livros didáticos por meio do Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Visto anteriormente que o Livro Didático acaba por reproduzir estereótipos em suas representações, com a proibição destes termos lamenta-se que a situação pode piorar.

Dando continuidade aos retrocessos referentes aos grupos acima citados e a educação, aparece como exemplo os Projetos de Lei Escola Sem Partido (também chamada de Lei da Mordada), com autores ligados a legendas políticas conservadoras – vários deles são de bancadas evangélicas. O projeto prevê restrições à liberdade de cátedra das professoras com o processo de silenciar as salas de aula. Frente a isso, deliberou-se em 2016, no II Encontro Nacional de Educação, a Frente Nacional Escola Sem Mordada. Segundo informações da Frente Nacional Escola Sem Mordada (2016), a Frente seria

composta por todos os tipos de entidades que se propusessem a debater e se mobilizar contra a aprovação dos Projetos de Lei Escola Sem Partido então existentes no Congresso Nacional, nas assembleias legislativas estaduais, nos municípios etc. Além disso, era urgente uma articulação entre os setores progressistas, também no sentido de defender os muitos profissionais da educação que em várias regiões do país estão a ser perseguidos por representantes do Movimento Escola Sem Partido e seus asseclas (FRENTE NACIONAL ESCOLA SEM MORDAÇA, 2016).

No mesmo ano foi lançada a Frente Gaúcha Escola sem Mordada, em reunião coordenada pela professora Russel Teresinha Dutra da Rosa na Faculdade de Educação da UFRGS.

A Frente Gaúcha Escola sem Mordada adere à Frente Nacional Escola sem Mordada, que propõe o arquivamento do Projeto de Lei nº 7.180/2014 (e demais projetos a ele apensados) e do Projeto de Lei do Senado nº 193/2016. Esses projetos, que tramitam na Câmara e no Senado, pretendem incluir, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o programa do movimento “Escola sem Partido”, assim como Projeto de Lei 190/2015, que institui esse programa no âmbito do sistema estadual de ensino (SINDICATO NACIONAL DOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR – ANDES-SN, 2016).

Em meio a esses retrocessos, abordar a temática diversidade em contexto educacional torna-se um ato de resistência (Lucas GONTIJO et al., 2017). Vale observar que a discussão de gênero e sexualidade já estava assegurada, presente nos PCN desde a década de 1990,

como comentado anteriormente, e por mais que estes tivessem suas falhas, professoras tinham o direito e o dever de trabalhar tais temas em sala de aula. Passadas duas décadas, há novamente a colocação em risco quanto ao assunto. Cabe ainda salientar a importância para a comunidade discente de uma educação inclusiva, que contemple a realidade individual, que reconheça e valorize a família que a estudante tem, que respeite a orientação sexual e a identidade de gênero, que proporcione formação docente em diversidade sexual e de gênero (Deisi NORO; Márcia NÓBILE; Diogo SOUZA, 2017), aproximando-se assim de práticas que garantam a “erradicação de todas as formas de discriminação”. Para Lucas Gontijo et al. (2017), considera-se que tais abordagens podem ser vistas como importantes estratégias de enfrentamento à misoginia, sexismo, racismo e homofobia que se produzem e reproduzem em ambiente escolar.

4.1.3 O “Feminino Invisível” em Destaque

Gênero, assim como sexualidade, raça, cor e classe são classificações que implicam em diferenças e é importante entender as relações de poder que perpetuam e sustentam tais diferenças. O gênero feminino e o gênero masculino são classificados dicotômica e hierarquicamente, como um exemplo de binarismos já citados anteriormente. A construção social é independente do sexo ou do gênero, mas o conjunto de relações sociais, históricas e culturais compõem essa estrutura (Renata ROSENTHAL; Daisy REZENDE), e a partir dessas relações sociais surgem o que se entende por estereótipos, cada contexto social singularizando concepções distintas de cada estereótipo. Os estereótipos contêm as concepções de feminino e masculino e as justificativas para a naturalização de cada uma delas no senso comum (Renata ROSENTHAL; Daisy REZENDE, 2017).

Muitos trabalhos envolveram a observação e investigação acerca das questões de gênero, com enfoque maior na questão das Mulheres e a Ciência. A partir de investigações acerca de concepções das alunas de escolas da rede pública, de questionários com professoras de escolas ou com estudantes de graduação, e com narrativas resultantes de entrevistas com mulheres pesquisadoras, essa questão foi problematizada. Muitos outros trabalhos, por mais que não tivessem foco nesta questão, demonstravam relações de poder entre as diferenças de gênero.

Quando a pesquisa se dava de forma a investigar o conhecimento de professoras e professores de escolas sobre mulheres pesquisadoras que foram importantes em suas áreas de

atuação, um número baixíssimo delas foi lembrado, tendo destaque a cientista Marie Curie que é, como cita Luis Lima, Josivânia Dantas e Carla Cabral (2015), uma das poucas mulheres reconhecidas na História da Ciência, que comumente é tratada como uma exceção ao seu gênero devido ao seu êxito, como se a Ciência não fosse lugar para mulheres.

É curioso pensar que quando mulheres obtêm êxito nas realizações em áreas ditas masculinas - como a área da pesquisa -, são vistas como pessoas extraordinárias, mesmo nos feitos que, em um mesmo nível, já foram realizados por homens. Isso me faz refletir que quando homens fazem determinadas tarefas e obtêm êxito, seus feitos são reconhecidos, e ponto. Agora quando mulheres fazem estas mesmas tarefas e obtêm êxito, colocam a mulher numa posição descomunal para ter conseguido tal êxito, como se não pudesse, em uma tarefa de mesmo nível, comparar o êxito de uma mulher ao de um homem. Como se a mulher que realizou precisasse sair da “vestimenta” de mulher, sendo superior do que “mera mulher” para conseguir realizar a mesma tarefa que um homem é capaz de fazer. É horrível pensar que isso acontece.

Quanto aos trabalhos que voltaram-se para estudantes de graduação, estes também mostraram conhecer poucas cientistas importantes em suas áreas, e houve relatos de não haver preocupação em seus cursos quanto a maior visibilização para elas. Além disso, reconheceram a existência de desigualdades de gênero na Universidade, na qual meninas e mulheres são discriminadas e meninos e homens são privilegiados, fato que, segundo Nathaly Chiari e Irinéa Batista (2017), pode levar à manutenção do cenário relatado por pesquisadores das duas últimas décadas: meninas sem interesse por áreas científicas e/ou tecnológicas e, conseqüentemente, menor número de mulheres seguindo carreira nestas áreas. Viu-se necessário haver mais espaços de debates e reflexão sobre as questões de corpo, gênero e sexualidade e, como relatou Lilian Cruz e Marcos Souza (2013),

esses espaços devem ser oferecidos desde o primeiro semestre da licenciatura, seja em curso de extensão, grupo de estudos e pesquisas, seminários, entre outros, e essas questões não devem ficar restritas apenas a uma disciplina, e sim perpassar todas as disciplinas do curso, abordando a temática sexualidade e gênero de modo intencional e ao longo de todo o processo de formação docente (Lilian CRUZ; Marcos SOUZA, 2013, p. 7).

Um trabalho que foi marcante contou com entrevistas de quatro mulheres cientistas acadêmicas, de diferentes faixas etárias, vinculadas a universidades públicas, doutoras das áreas de Química, Biologia-Bioquímica, Matemática e Física. A partir do artigo de Renata Rosenthal e Daisy Rezende (2017), observou-se que todas relataram que o interesse pelas

áreas que seguiram surgiu ainda no período de idade escolar, algumas quando gostavam muito da aula de um professor ou uma professora de matemática, uma através de seu pai que a convidava, junto com seus irmãos, para consertar objetos em casa, o que despertava interesse em “esmiuçar” e conhecer mais. Quando falavam de suas graduações, surgiu os seguintes comentários: “era a única mulher na sala de aula durante praticamente todo o percurso”, “as lideranças estudantis eram masculinas, havia poucas mulheres, o que me incomodava muito, e fui a primeira mulher presidente do Diretório Acadêmico”, “eram oito alunas para um total de oitenta alunos, duas não ingressaram de fato e cinco abandonaram o curso, então me formei sozinha como única mulher naquele ano”, “sentia falta de modelos, de representatividade dentro da área, só havia uma professora titular mulher, que já se aposentou”. A partir da pós graduação houve relatos de situações que as incomodaram muito. Passaram por constrangimentos na ida a eventos científicos e até mesmo em sala de aula como professora, escutaram comentários do tipo “você é muito bonitinha para fazer Ciência” e a forma como os papéis como mulheres cientistas eram questionados, ignorados e desvalorizados era revoltante. Pensar sobre o que vestir em eventos científicos as preocupavam, e sentiam que deveriam ser “menos mulher” para ter maior reconhecimento em seu trabalho, ou então ser “menos matemática” para ser “mais mulher”. Havia também a pressão de precisar produzir um pouco a mais do que os homens precisavam produzir para que seu trabalho tivesse a mesma credibilidade.

A partir do relato sobre suas respectivas histórias de vida, foi feita uma análise de similitude das palavras ditas nas entrevistas e notou-se aspectos interessantes, alguns incômodos. Nos quatro relatos há a negação de algo, sendo o “não” a palavra mais citada em todos os casos (Renata ROSENTHAL; Daisy REZENDE, 2017). Michelle Perrot (1989) citada por Renata Rosenthal e Daisy Rezende (2017), propõe que a “negação de si está no âmago das educações femininas, sejam elas religiosas ou laicas” e que essa é uma forma de adesão ao silêncio que a sociedade impõe as mulheres, ou seja, essa negação de si, mulher, é, de fato, a negação como mulher (Renata ROSENTHAL; Daisy REZENDE, 2017). Para conseguirem persistir em suas carreiras, há de ser usada a negação da feminilidade (mesmo que a estereotipada, construída socialmente) como um mecanismo de sobrevivência àquele meio.

Fato mencionado também é a forte ligação sobre as mulheres ascenderem na carreira e terem ou não filhos. Uma entrevistada diz que “quem continua na carreira e vai até lá em cima, ou alguém que é realmente brilhante, ou alguém que não tem filhos, por que se dedica integralmente à carreira como um homem se dedica à carreira” (Renata ROSENTHAL; Daisy

REZENDE, 2017). Tal frase permite refletir como a atribuição à mulher, imposta pela sociedade, da maternidade e dos cuidados domésticos, as quais limitam sua carreira profissional, bem como escancara que homens podem ter família, filhos, cachorros, gatos, até uma selva dentro de casa, que o mesmo não sofrerá a pressão de deixar a desejar nestes cuidados para se dedicar plenamente a sua profissão.

Como concluem Renata Rosenthal e Daisy Rezende (2017), se estabelece, para as mulheres cientistas, uma difícil opção: senão queremos, mulheres, ter o trabalho questionado, a competência posta em dúvida, a credibilidade em risco, o lugar a se assumir seria o de não-mulher. Tais fatores resultam em espaços científicos ocupados majoritariamente por homens, pois afastam as mulheres das carreiras científicas. Ainda quando se inserem, estão em pouquíssimo número e, por se sentirem discriminadas ou não representadas, acabam por evadir e desistir antes da formação se completar. O que é “ser cientista” no âmbito daquilo que é construído como “natural” alimenta a relação desigual de poder existente na sociedade (FÁVERO, 2010), citado por (Renata ROSENTHAL; Daisy REZENDE, 2017), refletindo também em diferenças na conquista de cargos, empregos e reconhecimento acadêmico em suas áreas.

Gahill (1996, p. 195), citado por (Luis LIMA; Josivânia DANTAS; Carla CABRAL, 2015), reforça que os ambientes escolares “não apenas reflete a ideologia sexual dominante da sociedade, mas produzem ativamente uma cadeia de masculinidades e feminilidades heterossexuais diferenciadas e hierarquicamente ordenadas”, apesar de ao mesmo tempo poder ser agente de transformação social na desconstrução de paradigmas sociais. Muito utilizado nas escolas, o livro didático ainda contribui para a (re)produção de estereótipos de gênero, representando a mulher de maneira estereotipada e não dando visibilidade à sua participação e sua contribuição na dinâmica de produção de conhecimento. Raquel Pinho (2009) destaca a invisibilidade dada às mulheres pesquisadoras em livros didáticos de Biologia, discutindo que apesar de suas contribuições estarem presentes entre os diversos conteúdos dos livros, na maioria das vezes elas não são citadas, ou quando citadas junto de seus pares masculinos, são ocultadas pelo padrão masculino da linguagem. De acordo com Guacira Louro (2014), a escola se tornou especialista em promover divisões, segregações, distinções, de atividades, habilidades, condutas próprias para cada gênero, que não podem ser tratadas como naturais, como por exemplo, que há “diferenças de interesse a aptidão ‘características’ de cada gênero”.

Naqueles artigos em que sua base foi a realização de sequências didáticas nas escolas, muitas apresentaram-se de maneira problematizadora, conseguindo abordar temas mais

complexos. No entanto, pode-se notar a perpetuação da invisibilidade do prazer feminino, no qual temas mais íntimos e pessoais como masturbação foram foco, mas falou-se apenas da masturbação masculina. Falar sobre sexo e prazer, para mulheres, em muitos lugares, ainda é considerado transgressão, e para Lilian Cruz e Marcos Souza (2013) isso se deve ao fato de sua figura estar associada a pureza, docilidade, fragilidade e graça. Para isso, nestes pequenos espaços que oportunizam falar sobre temas tabu é preciso estar atento e buscar pontos chave para pôr em questão. Pode ser a única oportunidade de meninas verem que podem – e devem – conhecer seus corpos, apropriarem-se dele, saber que é possível sentir prazer sem ter vergonha por isso. Tocar-se é também uma prática por uma questão de saúde, visto que esconder seu corpo de si mesma pode invisibilizar sinais que nós mulheres podemos estar atentas para prevenção de doenças, etc.

Algo que me impressionou e chateou durante esta pesquisa, foi ver que, ao longo das leituras de todos os artigos, bem como do referencial complementar, a cada citação que eu lia, referenciada no meio do texto apenas com o sobrenome, me remetia a escritores homens. Lia e imaginava um homem falando o que estava sendo citado, até que logo depois havia algo assim: “segundo a autorA tal”, e aí eu levava aquele soco no estômago. Analisei posteriormente às categorizações, quatro publicações que também foram baseadas nas publicações do anais do ENPEC, e me deparei com a seguinte informação em um dos artigos: Optamos por referenciar autoras e autores com nome e sobrenome. Consideramos esta opção uma tentativa de evidenciar os gêneros de pesquisadoras e pesquisadores e, por consequência, as mulheres na pesquisa, o que pode contribuir com o reconhecimento e a valorização da identidade feminina no campo e de forma mais ampla (Raquel PINHO; Rachel PULCINO, 2016). Achei ótima a ideia, e resolvi assim adotá-la ao meu Trabalho de Conclusão de Curso, visto que foi algo que eu mesma me dei conta durante a pesquisa e que ajuda a visibilizar as escritoras.

Para Michel Foucault (1996), o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. Como bolsista do PET Biologia/UFRGS, participei do processo seletivo de novos bolsistas, e na reformulação do Edital de Seleção decidiu-se por usar termos femininos como elemento neutro. A ideia de fazer o TCC nestes moldes pareceu-me boa e, ao ler o mesmo trabalho citado no parágrafo acima, percebi que foi feita também essa mesma troca.

Com estes pontos apresentados, é nítido que as questões de gênero precisam ser desconstruídas, evidenciadas, informadas, ensinadas, pois elas não são autoevidentes, uma vez

que são naturalizadas em nossa sociedade (Bettina HEERDT; Irinéa BATISTA, 2017). Ampliar discussões e divulgações de representações femininas na Ciência pode contribuir para diminuir tais desigualdades. É fácil observar o efeito cascata que as ações relatadas aqui neste trabalho possuem. Uma atitude – ou falta de – desencadeia muitas outras. Isso serve para pontos negativos e positivos. Investir em formação de professoras, criação de práticas pedagógicas de inclusão destes temas, bem como possibilitar, oportunizar, ampliar espaços de discussão acerca da temática de gênero podem contribuir para uma efeito cascata positivo com mudanças promissoras.

4.1.4 A Centralidade Biológica

Nos Trabalhos Publicados

A seleção feita das publicações dos anais do ENPEC resultou em 39 trabalhos, como já descrito anteriormente. Conforme as leituras eram feitas, alguns pontos emergentes de observações foram surgindo, e fato que chamou atenção foi a discrepante diferença que se fez presente quanto as áreas de atuação dos escritores, predominando as áreas biológicas na realização dos trabalhos. Contabilizou-se 77% das publicações realizadas por escritores do curso de Ciências Biológicas, já do curso de Pedagogia esse resultado foi de aproximadamente 11%, e apenas 1 trabalho (2,56%) foi do curso de Educação Física. Em 10% dos trabalhos não houve informação a respeito do curso da escritora. Estudantes de graduação são a maioria quanto ao perfil acadêmico das escritoras, seguido por estudantes de pós-graduação.

Pensando na pesquisa sobre os currículos de graduação em universidades federais do país, das disciplinas encontradas com foco na temática de gênero e sexualidade, uma porcentagem pequena era oferecida para cursos de graduação em Ciências Biológicas. A distribuição nas outras áreas não foi verificada. No entanto, com o que se sabe, pode-se aferir duas coisas.

Uma é que há certa contradição nesta predominância de publicações de alunas de graduação de Ciências Biológicas, visto que disciplinas com este enfoque são pouco discutidas no currículo. Por outro lado, deve-se levar em consideração as experiências de docência vivenciadas pelas próprias estudantes de graduação nas escolas (caso que me incluo, visto que meu interesse maior em trabalhar esta temática foi impulsionado pelas experiências

escolares); os grupos de pesquisa sobre gênero e sexualidade que a universidade pode conter; os grupos como o PET, que podem oferecer eventos, cursos, palestras, pontos de contato entre as estudantes e a temática; e também o envolvimento político das alunas em movimentos sociais que os motivem a pesquisar e envolver a relação nestes grupos com seus anseios profissionais. Estes fatores podem envolver mais alunas na pesquisa da área, mesmo o curso não contendo uma disciplina voltada para a temática.

E a outra é que mesmo sabendo-se que este tema é abordado em escolas majoritariamente por professoras de Ciências e Biologia, ainda assim há pouca oportunidade curricular obrigatória para a formação de estudantes de graduação voltadas para a questão da sexualidade e do gênero, mesmo sendo estes os futuros profissionais aos quais jogou-se a responsabilidade por contextualizar este tema na escola.

A Responsabilidade das Profissionais das Áreas de Ciências e Biologia e a Abordagem Não Multidimensional da Temática

Mesmo podendo-se trabalhar contextos sociais, psicológicos, históricos e abranger a temática de gênero e sexualidade a diferentes vieses, aproximando a temática da vida das alunas e tornando-se significativa para elas, acabam por serem discutidos temas unicamente através do seu contexto biológico, dentro de conceitos conservadores, binários, e limitantes nas aulas de Ciências e Biologia nas escolas. Responsáveis por ampliar o conhecimento das alunas acerca de órgãos reprodutores, sistemas corporais humanos e seus processos reprodutivos, as professoras das áreas competentes estendem o tema no máximo sobre gravidez na adolescência e ISTs, trabalhados de forma expositiva, como uma palestra, afastando assim a atenção das alunas para as aulas. A visão biologicista, prescritiva e higienista da abordagem de gênero e sexualidade na escola é fortemente reforçada pela forma como o tema se apresenta nos livros didáticos (Suse AZEVEDO; Marcos SOUZA, 2013) e, segundo Soldatteli (2006) citado por Alcione Amorim e Lilliane Freitas (2013) as adolescentes apresentam certas insatisfações em atividades que focam apenas o aspecto científico do corpo humano e seu aparelho, que abrange somente o lado biológico, pois estas demonstram interesses e curiosidades que estão além do biológico quando o assunto é sexualidade humana.

Essa problemática envolve questões mais profundas, algumas já citadas anteriormente. Aumentar o leque de possibilidades de contextualização da temática envolve investir em algumas ações, e seguem alguns exemplos do que pode ser feito: formação ampla e

qualificada de professoras, formação continuada de professoras das escolas, flexibilização curricular nas escolas quanto aos conteúdos massivos a serem vencidos anualmente, investimento em práticas pedagógicas de ensino-aprendizagem de respeito à diversidade, bem como incentivar e apoiar ideias e assuntos trazidos pelas alunas para as aulas.

Investir em políticas públicas que oportunizem a formação continuada de professoras - visto que ações pontuais podem ser pouco significativas para mudanças metodológicas de fato - pode contribuir para entenderem melhor e pensarem como encaixar a temática em suas aulas com abordagem multidimensional, vencendo inseguranças e permitindo-se usar de metodologias flexíveis, que faça da aula uma construção de conhecimentos das alunas junto com o da professora. A professora, como sujeito que também possui sexualidade relacionada com suas vivências, necessita ficar atenta para que não ocorra transmissão de valores, crenças e opiniões como verdades absolutas no ambiente escolar (SILVEIRA, 2010) citado por (Alcione AMORIM; Lilliane FREITAS, 2013). Ao investigar os conhecimentos já vivenciados pela aluna, a professora assume um importante papel para o encaminhamento de ações pedagógicas e para a construção de um ambiente escolar mais estimulante, ação necessária para enfrentar um dos atuais dilemas da educação, tornar as aulas mais atrativas e construir um processo de ensino e aprendizagem significativo (Everton SILVA; Guilherme LIMA, 2013), de forma que se torne mais interessante para ambos. No entanto, a professora ao organizar seu trabalho norteado por uma perspectiva construtivista deve estar ciente das dificuldades que poderá enfrentar durante o processo de ensino (Everton SILVA; Guilherme LIMA, 2013).

Fazer uso de metodologias que diminuam a vergonha das alunas e as deixem a vontade para trabalhar a temática de gênero e sexualidade, pode ser uma forma de aproximá-las da aula, compreendendo e absorvendo melhor os conhecimentos ali obtidos. Alguns exemplos podem ser elencados dos artigos analisados: uso de desenho, narração de histórias, uso de figuras, jogos, danças e caracterização para turmas de educação infantil (Dário LANES et al., 2013); sondagem, posteriores debates sobre temas de relevância para as alunas, e dinâmica do balão para refletir acerca de suas atitudes, com alunas dos anos finais do ensino fundamental e da 3ª etapa do EJA - Educação de Jovens e Adultos - (Alcione AMORIM; Lilliane FREITAS, 2013); oficina “João e Maria” trabalhando imposição de gênero e discussão sobre projetos de vida para os anos finais do ensino fundamental (Paulo SILVA et al., 2013); discussão e problematização de conteúdos de revistas juvenis com alunas dos anos finais do ensino fundamental (Bartira CEZAR; Eliane VARGAS, 2013); o jogo do corpo com os anos finais do ensino fundamental (Pedro MIRANDA; Francisca FREITAS; Caroline SILVA, 2015, p.

7); o uso do cinema para trabalhar a empatia a respeito de corpo e gênero (Jeimis CASTRO; Eliane VARGAS, 2017). Tais práticas demonstraram interesse da turma e participação ativa nas atividades.

Pensar em currículos acadêmicos que valorizem produções de mulheres pesquisadoras e escritoras latino-americanas, como por exemplo o currículo do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), na disciplina de Corpo, Gênero e Sexualidade, (Lilian CRUZ; Marcos SOUZA, 2013) bem como escritoras que estudam o enfoque de disciplinas relacionando-as com questões de gênero e sexualidade e também outras questões sociais, pode ampliar os saberes e qualificar a formação de professoras para que estas se sintam convencidas de que abordar estes assuntos nas escolas independente de sua área de formação, contribuindo assim para a formação cidadã de suas alunas, bem como incentivando meninas para as áreas das Ciências.

A abordagem multidimensional da temática de gênero e sexualidade – abrangendo aspectos biológicos, psicológicos, históricos e socioculturais - que incentivam a autonomia das jovens para as expressões e manifestações relativas às práticas sexuais e não apenas como funcionalidade corporal derivada de reações biológicas (Maria Luiza HEILBORN, 2003; 2006a; Guacira LOURO, 2010) citado por (Roberta CICCO; Eliane VARGAS, 2013), possibilita a aluna compreender de maneira ampla e contextualizada as definições, seus envolvimento, a relação com a sua vida e o que acontece no seu dia a dia, a formação da sua sexualidade levando em conta as possibilidades do sentir, do viver, do compartilhar e do conhecer as expressões do desejo, das emoções, das condutas e práticas corporais em contextos sociais determinados, sendo esta socialização estabelecida nas relações entre os pares, colocando em evidência as relações entre sociedade e indivíduo (Maria Luiza HEILBORN, 2006a), bem como entender as diferenças impostas entre os gêneros por um sistema patriarcal, e suas implicações. Conhecer a si e seus direitos ajuda também na formação política da aluna pois, ao compreender seus direitos, poderá discernir o que está sendo justo ou injusto em seu dia a dia, bem como reconhecer suas práticas quando não estejam contemplando as necessidades e direitos dos que as cercam, inquietude necessária para pensar em atitudes capazes de gerar mudanças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todo o material acima exposto, pode-se observar um círculo vicioso no qual a temática se encontra, levando-se em consideração que tanto para o lado positivo, quanto para o lado negativo, as atitudes e maneiras de trabalhar a temática podem ter consequências que influenciarão outros meios, desencadeando outras situações. Fatores históricos influenciam meios sociais, que refletem nos meios educativos, influenciando na formação de profissionais na academia, bem como na formação de cidadãos na escola, e assim segue o ciclo em um efeito cascata. Não se sabe onde se inicia ou termina e, se não há um vetor diferente em qualquer estágio “da cascata” o ciclo segue o mesmo ritmo e a mesma direção: e como resultado não há mudanças. Mas cultura também se muda (Gabriela BRABO, 2013), e as melhorias iniciadas em um momento, desencadearão outras também.

Refletir sobre gênero implica em problematizar a produção desse conceito a partir do seu contexto histórico, social, cultural e político e a abordagem sobre sexualidade reúne vários fatores, compreendendo a junção do biológico, dos desejos, das crenças, das ideologias, dos afetos, das manifestações e práticas sexuais, fatores esses amplamente configurados por aspectos sociais e culturais. A problemática aqui apresentada permeia os estudos acerca de gênero e sexualidade, principalmente voltados a questões educacionais, uma vez que tais temas, embora intrínsecos aos sujeitos e portanto presentes nos mais variados âmbitos (escolas, universidades...), ainda encontram desafios inveterados para sua discussão e inserção no currículo escolar e acadêmico.

Realizar o trabalho através do mapeamento de um evento grande como o ENPEC possibilitou conhecer mais a respeito de uma temática tão importante e significativa para mim. Como futura professora de Ciências e Biologia, fazer essa análise foi marcante por enxergar um panorama de como essa temática vem sendo abordada no país e ter noção de suas limitações e de seus potenciais. Pude observar que mais do que eu esperava têm sido feito, que as escolas ainda têm “a mesma cara” mas que com pequenos vetores de mudanças esse cenário pode mudar com o tempo. Tempo... ah, o tempo... A inquietude permite a percepção, e observar, se envolver e estudar mais sobre algo que se tem interesse pode ser o combustível necessário para que haja a paciência com o tempo, para que haja a persistência com o tempo, e que, mesmo após muito tempo, ainda haja esperança na mudança.

Os pequenos vetores que citei acima não provém de outro meio que não o meio educacional. É através daí que, mesmo que de pouco a pouco, as pequenas mudanças revelam o quanto a temática de gênero e sexualidade têm o potencial de transformar condutas e

realidades sociais. Os entraves são consequências de processos históricos, de silenciamentos, imposições, injustiças que ainda hoje refletem nas decisões que nos governam, as quais sempre tendenciosas e cúmplices de um falso Estado laico.

Apesar de cada trabalho trazer apontamentos e demandas para melhorias, não há uma única receita que possa ser seguida. Por um lado isto é bom, não somos iguais, as realidades e as instituições também não, então não cabe um padrão de solução igual, a qual provavelmente não seria de total abrangência. No entanto, os caminhos para mudanças efetivas tornam-se mais difíceis e complexos, visto que cada situação necessita de aparatos específicos e voltados para a realidade do determinado local.

Entendo um Trabalho de Conclusão de Curso como algo que deva representar um tema, uma ideia, uma experiência que permeou significativamente meus anos de graduação e, pensando deste modo, vejo que o processo metodológico utilizado na pesquisa – Análise Textual Discursiva (ATD) – permitiu realizar um trabalho que uniu a temática específica de interesse, com a liberdade de expressar minhas visões acerca dela, podendo através da análise fazer emergir algo novo e de uma construção bem pessoal. Unitarizar cada trabalho selecionando aquilo que se mostrou significativo para mim, com a posterior categorização unindo e relacionando a partir do meu olhar, e podendo atribuir minhas experiências pessoais, acadêmicas, profissionais, um novo emergente surgiu, fazendo-se único. Outra pessoa, se fizesse a análise dos mesmos textos a partir dessa metodologia, poderia atribuir diferentes significados a partir de suas outras vivências, e como produto final sair algo bem diferente do meu. Tendo em vista isso, fico muito feliz em realizar algo de interesse pessoal e que pude relacionar vivências de diferentes âmbitos da minha vida ao estudo analisado.

Minhas experiências no PIBID, os estágios curriculares obrigatórios, o Grupo “Mulherada da CEU” da Casa do Estudante na qual resido, a participação do Projeto Rondon em 2016 principalmente na realização de oficinas de Saúde e Valorização da Mulher, as diversas palestras, rodas de conversa, ocupações e grupos de envolvimento com a causa LGBTQ e com a causa Feminista, ser bolsista do PET Biologia UFRGS e participar do projeto COLORE BIO, as (não muitas) discussões a respeito da temática nas aulas de biologia, e claro, as vivências e trocas diárias, e até as viagens de carona que fiz durante estes anos de graduação, experiências as quais com certeza ajudaram-me a formar a Maria Luiza de hoje, todas elas de alguma maneira estiveram presentes neste trabalho.

Ressalto que para o curto período de tempo que tive para realizar esta pesquisa, visto que o objetivo final era construir meu Trabalho de Conclusão de Curso, não se pode analisar as publicações relacionando-as com um maior número de edições e, para um delineamento

mais robusto da mesma é indicado pesquisar o Evento mais amplamente, pois basear-se apenas em três edições não é suficiente para fazer comparações e mais inferências. Seria interessante também pesquisar trabalhos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), bem como o Encontro Nacional de Ensino de Biologia (ENEBIO) para ter suporte para maiores considerações a respeito da temática de gênero e sexualidade e seu amplo potencial de transformação.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ester Aparecida Ely de; FRANZOLIN, Fernanda. A educação em Ciências e a perspectiva de gênero. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 9.

ALMEIDA, Kaciane Daniella De, LUZ Nanci Stanck da. Gênero, Sexualidade e Currículo: Possibilidades para a Educação Sexual na Escola. [s.l.] 2011.

ALTMANN, H. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-educacional. Educação em Revista. Belo Horizonte, 2007, n.46, p.287-310.

AMORIM, Alcione Maria Melo; FREITAS, Lilliane Miranda. Que temas sobre sexualidade mais interessam aos jovens e adultos? Análise em uma escola parceira do PIBID/UFGA. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

AZEVEDO, Paulo Ricardo Júnior, Cartilha – Você já ouviu falar sobre a “Ideologia de Gênero”. Várzea Grande: 2015. Disponível em <https://padrepauloricardo.org/episodios/a-ideologia-de-genero-nos-planos-municipais-de-educacao>. Acesso em: 23 jun, 2018.

AZEVEDO, Suse Mayre Martins Moreira; SOUZA, Marcos Lopes de. Estudo Investigativo da disciplina Educação para a Sexualidade em escolas da rede municipal de Jequié-BA. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

BARROS, Joana Viana de. O discurso sobre sexualidade e o ensino de Ciências nos documentos curriculares nacionais (1997/1998). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

BASTOS, Felipe; PINHO, Raquel. Sentidos de sexualidade nos anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Educação em Ciências (1997-2015). In: ENCONTRO NACIONAL

DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 11.

BATISTA, Irinéa de Lourdes et al. Saberes docentes e invisibilidade feminina nas Ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

_____. Formação de Professores no Brasil e Questões de Gênero Feminino em Atividades Científicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2015. p. 1 - 9.

BRABO, Gabriela. Formação docente inicial e o ensino ao aluno com deficiência em classe comum na perspectiva da educação inclusiva. Tese de doutorado. UFRGS – FACED – PPGEDU. Porto Alegre, 2013, p. 105-132.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual. Vol10. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade. Ministério da Educação. Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Rogério Diniz Junqueira. Brasília: Publisher Brasil, 2009, vol 32, 458 p. (Coleção Educação para Todos).

CASTRO, Jeimis Nogueira de; VARGAS, Eliane Portes. O uso do cinema no ensino de ciências: uma análise do filme Tomboy e as questões de corpo e gênero na escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 11.

CEZAR, Bartira dos Reis Rocha; VARGAS, Dra Eliane Portes. Revistas juvenis femininas e a educação sexual no ensino não-formal de ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

CHIARI, Nathaly Desirrê Andreoli; BATISTA, Irinéa de Lourdes. Pesquisas na área de Educação Científica a respeito de questões de Gênero no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2015. p. 1 - 7.

CICCO, Roberta Ribeiro de; VARGAS, Eliane Portes. Potencialidades e Limites do Ensino das Doenças Sexualmente Transmissíveis: um estudo qualitativo na perspectiva socioantropológica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, São Paulo. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

COELHO, Leandro Jorge; CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Diversidade sexual, preconceito e aulas de Ciências: reflexões iniciais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, São Paulo. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 – 8.

CRUZ, Lilian Moreira; SOUZA, Marcos Lopes de. Corpo, Gênero e Sexualidade: O Currículo do Curso de Pedagogia Da UESB (Campus de Itapetinga-BA). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . Águas de Lindóia: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

FÁBIO, André Cabette, Expresso – Como a omissão do termo ‘gênero’ na base curricular afeta os livros didáticos. São Paulo: 2017. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/12/10/Como-a-omiss%C3%A3o-do-termo-%E2%80%98g%C3%AAnero%E2%80%99-na-base-curricular-afeta-os-livros-did%C3%A1ticos>. Acesso em: 23 jun, 2018.

FOUCAULT, Michel A Ordem do Discurso. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970, 19ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRANCO, Neil; CICILLINI, Graça Aparecida. Práticas pedagógicas de professora trans: gênero e sexualidades como abordagem político-identitária no cotidiano escolar. Revista Educação e Políticas em Debate, Uberlândia, v. 4, n. 2, p.1-16, jul. 2015. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/34553/18310>>. Acesso em: 16 mar. 2018.

FRENTE NACIONAL ESCOLA SEM MORDAÇA, O QUE É A FRENTE? Brasília: 2016. Disponível em <http://escolasemmordaca.org.br/o-que-e-a-frente/>. Acesso em: 23 jun, 2018.

FURLANI, Jimena. Educação sexual na sala de aula: Relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2011.

GONTIJO, Lucas Salvino et al. Diversidade sexual, de gênero e raça/etnia nos trabalhos apresentados nas duas últimas edições do ENPEC (Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências) (2013-2015). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 9.

HEERDT, Bettina; BATISTA, Irinéa de Lourdes. SABERES DOCENTES: MULHERES NA CIÊNCIA. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 10.

HEILBORN, M. L. Entre as tramas da sexualidade brasileira. Estudos Feministas, Florianópolis, v.14 n.1, p. 43-59, 2006a.

LANES, Dário Vinícius Ceccon et al. A recreação como ferramenta metodológica para trabalhar sexualidade e gênero na educação infantil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

LANES, Karoline Goulart et al. O ENSINO DE CIÊNCIAS E OS TEMAS TRANSVERSAIS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CONTEXTO ESCOLAR. Revista Contexto & Educação, [S.l.], v. 29, n. 92, p. 21-51, mar. 2015. ISSN 2179-1309. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/2371>>. Acesso em: 16 mar. 2018. doi: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2014.92.21-51>.

LIMA, Luis Victor dos Santos; DANTAS, Josivânia Marisa; CABRAL, Carla Giovana. Concepções de estudantes do Ensino Médio sobre Ciência e Gênero. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2015. p. 1 - 9.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 176 p.

_____. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, D.E.E. Saúde e sexualidade na escola. Porto Alegre: Mediação, 1998. (Cadernos Educação Básica; 4).

MANDÚ, Edir Nei Teixeira.; CORRÊA, A. C. P. Educação Sexual Formal na Adolescência: Contribuições à Construção de Projetos Educativos. Acta. Paulista de Enfermagem. São Paulo, v.13, n.1, 27-37p, 2000.

MELO, Andréa Silene A. F.. Operação "Pente Fino": um levantamento das publicações sobre gênero, sexualidade e corpo nos ENPEC. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 9.

MEYER, Dagmar E. Estermann. Saúde e Sexualidade na Escola. Porto Alegre: Mediação, 1998. 176 p. (Cadernos Educação Básica; 4)

MIRANDA, Pedro Raimundo Mathias de; FREITAS, Francisca Estela de Lima; SILVA, Caroline Nunes. Concepções e temas correlatos de sexualidade de alunos do Ensino Fundamental. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015, Águas de Lindóia. Anais... . Águas de Lindóia: Universidade Paulista, 2015. p. 1 - 8.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*. (Bauru) [online]. 2003, vol.9, n.2, pp.191-211. ISSN 1516-7313. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132003000200004>.

NORO, Deisi; NÓBILE, Márcia Finimundi; SOUZA, Diogo Onofre Gomes de. Discussões relacionadas a gênero nos Planos de Educação: um olhar sobre o respeito à orientação sexual e à identidade de gênero. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 9.

POMBO, Mariana Ferreira. Desconstruindo e subvertendo o binarismo sexual e de gênero: apostas feministas e queer. *Revista de Estudos Interdisciplinares em Gêneros e Sexualidades*, Salvador, v. 1, n. 7, p.388-404, maio 2017.

PINHO, Raquel; PULCINO, Rachel Desfazendo os nós heteronormativos da escola: contribuições dos estudos culturais e dos movimentos LGBTTTT. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 665-680, 2016.

RIZZA, Juliana Lapa; RIBEIRO, Paula Regina Costa; MOTA, Maria Renata Alonso. Disciplinas que discutem sexualidade nos currículos do Ensino Superior brasileiro: produzindo um diagnóstico da situação atual. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 17, n. 34, p. 197-224, maio/ago. 2016.

ROSENTHAL, Renata; REZENDE, Daisy de Brito. É possível ser mulher na Ciência? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 11.

SANTANA, Elisangela Barreto; SANTOS, Manuella Teixeira; SEABRA, Silvaney Fonseca Ferreira. O currículo como artefato de subjetivação: a abordagem social da sexualidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2015. p. 1 - 8.

SILVA, Andréa Costa da; LIMA, Ana Cristina L M; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. Educação Sexual no cenário escolar contemporâneo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

SILVA, Everton Joventino da; LIMA, Guilherme da Silva. Sexualidade na adolescência: concepções dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

SILVA, Fabiane Ferreira da. Lições de sexualidade na escola. In: SILVA, F. F. da.; MELLO, E. M. B. (Orgs.). *Corpos, gêneros sexualidades e relações étnico-raciais na educação*. Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011, p.146-157.

_____. *Sexualidade e Escola: Compartilhando Saberes e Experiências*. Rio Grande: Editora da Furg, 2013, 186 p, 3ed.

SILVA, Paulo Roberto Silveira et al. A utilização de uma sequência didática como atividade alternativa para a Educação Sexual. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 7.

SINDICATO NACIONAL DOS DOCENTES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR – ANDES-SN, Frente Gaúcha “Escola sem Mordça” é lançada em Porto Alegre. Porto Alegre: 2016. Disponível em <http://www.andes.org.br/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=8340>. Acesso em: 23 jun, 2018.

7 ANEXOS

ALMEIDA, Ester Aparecida Ely de; FRANZOLIN, Fernanda. A educação em Ciências e a perspectiva de gênero. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 9.

AMORIM, Alcione Maria Melo; FREITAS, Lilliane Miranda. Que temas sobre sexualidade mais interessam aos jovens e adultos? Análise em uma escola parceira do PIBID/UFGA. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

AZEVEDO, Suse Mayre Martins Moreira; SOUZA, Marcos Lopes de. Estudo Investigativo da disciplina Educação para a Sexualidade em escolas da rede municipal de Jequié-BA. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

BARROS, Joana Viana de. O discurso sobre sexualidade e o ensino de Ciências nos documentos curriculares nacionais (1997/1998). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

BASTOS, Felipe; PINHO, Raquel. Sentidos de sexualidade nos anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Educação em Ciências (1997-2015). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 11.

BATISTA, Irinéa de Lourdes et al. Formação de Professores no Brasil e Questões de Gênero Feminino em Atividades Científicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2015. p. 1 - 9.

BATISTA, Irinéa de Lourdes et al. Saberes docentes e invisibilidade feminina nas Ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

CASTRO, Jeimis Nogueira de; VARGAS, Eliane Portes. O uso do cinema no ensino de ciências: uma análise do filme Tomboy e as questões de corpo e gênero na escola. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 11.

CEZAR, Bartira dos Reis Rocha; VARGAS, Dra Eliane Portes. Revistas juvenis femininas e a educação sexual no ensino não-formal de ciências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

CHIARI, Nathaly Desirrê Andreoli; BATISTA, Irinéa de Lourdes. Desigualdades de Gênero no contexto de um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 9.

CHIARI, Nathaly Desirrê Andreoli; BATISTA, Irinéa de Lourdes. Pesquisas na área de Educação Científica a respeito de questões de Gênero no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2015. p. 1 - 7.

CICCO, Roberta Ribeiro de; VARGAS, Eliane Portes. Potencialidades e Limites do Ensino das Doenças Sexualmente Transmissíveis: um estudo qualitativo na perspectiva socioantropológica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, São Paulo. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

COELHO, Leandro Jorge; CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Diversidade sexual, preconceito e aulas de Ciências: reflexões iniciais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, São Paulo. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

CRUZ, Lilian Moreira; SOUZA, Marcos Lopes de. Corpo, Gênero e Sexualidade: O Currículo do Curso de Pedagogia Da UESB (Campus de Itapetinga-BA). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . Águas de Lindóia: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

FREITAS, Júlio César Rufino de. Ensino de Ciências por Investigação: problematizando a temática Sexualidade através da Sequência Didática Interativa. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2015. p. 1 - 8.

GONTIJO, Lucas Salvino et al. Diversidade sexual, de gênero e raça/etnia nos trabalhos apresentados nas duas últimas edições do ENPEC (Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências) (2013-2015). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 9.

HEERDT, Bettina; BATISTA, Irinéa de Lourdes. SABERES DOCENTES: MULHERES NA CIÊNCIA. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 10.

HEERDT, Bettina; BATISTA, Irinéa de Lourdes. Saberes docentes: Natureza da Ciência e as relações de gênero na Educação Científica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2015. p. 1 - 8.

LIMA, Luis Victor dos Santos; DANTAS, Josivânia Marisa; CABRAL, Carla Giovana. Concepções de estudantes do Ensino Médio sobre Ciência e Gênero. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2015. p. 1 - 9.

LANES, Dário Vinícius Ceccon et al. A recreação como ferramenta metodológica para trabalhar sexualidade e gênero na educação infantil. In: ENCONTRO NACIONAL DE

PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

MARCONDES, Tatiana; SILVA, José Alves da. O ENSINO DE CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O CASO DA SEXUALIDADE PARA ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 9.

MELO, Andréa Silene A. F.. Operação "Pente Fino": um levantamento das publicações sobre gênero, sexualidade e corpo nos ENPEC. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 9.

MESQUITA, Adriano Santos de; FRAIHA-MARTINS, France. Narrativas docentes sobre práticas de ensino de ciências na perspectiva da sexualidade nos anos iniciais do ensino fundamental. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 8.

MIRANDA, Pedro Raimundo Mathias de; FREITAS, Francisca Estela de Lima; SILVA, Caroline Nunes. Concepções e temas correlatos de sexualidade de alunos do Ensino Fundamental. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015, Águas de Lindóia. Anais... . Águas de Lindóia: Universidade Paulista, 2015. p. 1 - 8.

MIRANDA, Pedro Raimundo Mathias de; KALHIL, Josefina Barrera; ALVES, José Moysés. Sexualidade, Gênero e Educação Sexual nas Atas do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – ENPEC de 2009 a 2015. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 10.

NASCIMENTO, Ariel Pereira Fernandes do. A questão do gênero e sua influência na educação ambiental. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM

CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 7.

NORO, Deisi; NÓBILE, Márcia Finimundi; SOUZA, Diogo Onofre Gomes de. Discussões relacionadas a gênero nos Planos de Educação: um olhar sobre o respeito à orientação sexual e à identidade de gênero. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 9.

NUNES, Paula; LOGUERCIO, Rochele de Quadros. Ciência, feminino, vozes e narrativas: com a palavra, as pesquisadoras. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2015. p. 1 - 8.

OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues de et al. Preconceito e sexualidade em sala de aula – o (des)preparo docente frente ao dizer dos alunos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 9.

PEREIRA, Zilene Moreira; MONTEIRO, Simone. Gênero e sexualidade no ensino de ciências no Brasil: análise da produção científica recente. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

ROJAS, Quira Alejandra Sanabria; ANDRADE, Adela Molina. Perspectiva de género y diversidad cultural en la enseñanza de las ciencias: Mapeamiento Informativo Bibliográfico (MIB). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2015. p. 1 - 9.

ROSENTHAL, Renata; REZENDE, Daisy de Brito. É possível ser mulher na Ciência? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 11.

SANTANA, Elisângela Barreto; SANTOS, Manuella Teixeira; SEABRA, Silvaney Fonseca Ferreira. O currículo como artefato de subjetivação: a abordagem social da sexualidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2015. p. 1 - 8.

SANTOS, Sandro Prado. CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR: LEMBRANÇAS DE FUTUROS/AS PROFESSORES/AS. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

SILVA, Andréa Costa da; LIMA, Ana Cristina L M; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. Educação Sexual no cenário escolar contemporâneo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

SILVA, Andréa Costa da; SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de. Sexualidade e gênero na pauta escolar: mediações com a literatura paradidática. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 10., 2015, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2015. p. 1 - 8.

SILVA, Everton Joventino da; LIMA, Guilherme da Silva. Sexualidade na adolescência: concepções dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 8.

SILVA, Nadson Fernando Nunes da; SALES, Ailson Nunes; BASTOS, Sandra Nazaré Dias. Feminilidades e masculinidades: uma análise a partir de filmes infantis. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. Anais... . Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. p. 1 - 13.

SILVA, Paulo Roberto Silveira et al. A utilização de uma sequência didática como atividade alternativa para a Educação Sexual. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 9., 2013, Águas de Lindóia. Anais... . São Paulo: Universidade Paulista, 2013. p. 1 - 7.